

UNIP – UNIVERSIDADE PAULISTA
Instituto de Ciências Humanas
Curso de Psicologia

Cibele de Oliveira Santos
Marcia Janschitz Dos Santos
Paolla Souza Da Silva
Raquel De Crixí Tamura
Tiago Grandeza

**A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA PARA A CONSTRUÇÃO
DO PERFIL HOMOFÓBICO**

SÃO PAULO – CHÁCARA II
2025

Cibele de Oliveira Santos – G217EB2
Marcia Janschitz Dos Santos – T057GC8
Paolla Souza Da Silva – N699566
Raquel De Crixí Tamura – T057GD6
Tiago Grandeza – G314GE7

A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA PARA A CONSTRUÇÃO DO PERFIL HOMOFÓBICO

Relatório de Pesquisa Científica apresentado à disciplina Projeto de Pesquisa em Psicologia, do Curso de Psicologia, da Universidade Paulista sob a orientação da Prof.^a Me. Edna Aparecida Mercado.

SÃO PAULO – CHÁCARA II
2025

CIP - Catalogação na Publicação

A contribuição da psicologia para a construção do perfil homofóbico /
Cibele de Oliveira Santos...[et al.]. - 2025.
0078 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) apresentado ao Instituto
de Ciência Humanas da Universidade Paulista, São Paulo, 2025.
Área de Concentração: Saúde.
Orientadora: Prof.^a Me. Edna Aparecida Mercado.

1. Psicologia crítica. 2. Psicanálise. 3. Homossexualidade. 4.
Homofobia. 5. Foucault. I. Santos, Cibele de Oliveira. II. Mercado, Edna
Aparecida (orientadora).

Cibele de Oliveira Santos – G217EB2
Marcia Janschitz Dos Santos – T057GC8
Paolla Souza Da Silva – N699566
Raquel De Crixí Tamura – T057GD6
Tiago Grandeza – G314GE7

A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA PARA A CONSTRUÇÃO DO PERFIL HOMOFÓBICO

Relatório de Pesquisa Científica apresentado à disciplina Projeto de Pesquisa em Psicologia, do Curso de Psicologia, da Universidade Paulista sob a orientação da Prof.^a Me. Edna Aparecida Mercado.

O trabalho foi considerado _____ com a nota _____ ().

São Paulo, ____ de _____ de 2025.

Me. Elisabete Garcia Marangon

Prof. Me. Éverton Duarte – Universidade Paulista – UNIP

Prof.^a Me. Edna Aparecida Mercado – Universidade Paulista – UNIP

Orientadora

Dedicamos este trabalho a todos aqueles que lutam por uma sociedade na qual podemos ser realmente livres, onde as pessoas não sofram preconceitos e retaliações por serem quem são. E que enfrentam os riscos usando a voz, o corpo e a inteligência em nome da igualdade, fazendo de sua existência um ato político. Aos que acreditam que, apesar de todas as adversidades, esse mundo ainda pode acolher e respeitar todos os modos possíveis de vida e de amor. Como nos lembra James D. Watson, decodificador do código genético humano, “a essência de nossa humanidade reside no amor, esse impulso que nos faz ter cuidado com o outro e que permitiu nossa sobrevivência neste planeta”. Que possamos resgatar, de uma vez por todas, a ideia de que o amor ao próximo é a fundamente e a força motriz de nossa existência.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, não podemos deixar de agradecer aos profissionais e professores reféns de teorias retrógradas e preconceituosas, que estimularam em nós uma inquietação constante e a vontade de aprofundar nosso conhecimento para não nos tornarmos seres humanos passivos e acríticos. A capacidade de questionar o mundo e a ordem é tão ou mais importante do que aprender inúmeras teorias e escolas de pensamento.

Ao mesmo tempo, temos que agradecer também aos bons professores, que aguçaram em nós uma ânsia de aprofundar nossos estudos, que nos guiaram por novas descobertas e souberam despertar a vontade de saber mais e mais. Isso carregaremos para o resto da vida, seja no âmbito pessoal, seja no profissional. Em tempos em que a educação se encontra tão rígida e mecanizada, é um privilégio termos encontrado profissionais tão inspiradores.

“O problema não é o desejo homossexual, mas o medo da homossexualidade: por que a simples menção da palavra desencadeia reações de recuo e ódio? Devemos, portanto, investigar as fantasias e discursos do mundo heterossexual sobre o tema da “homossexualidade”. A grande maioria dos “homossexuais” não tem nem consciência de serem assim.”

Guy Hocquenghem

RESUMO

A contribuição da psicologia para a construção do perfil homofóbico. SANTOS, C. O.; SANTOS, M. J.; SILVA, P. S.; TAMURA, R. C.; GRANDEZA, T. MERCADO, E. A. (orientadora). Curso de Psicologia, Relatório de Pesquisa. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Paulista – UNIP, Chácara II, 2025.

O presente trabalho investigou como o tema da homossexualidade foi abordado historicamente pela psicologia. Considerou-se que a postura adotada foi a de adequação da população LGBTQIAPN+ a um padrão de heterossexualidade imposto. O discurso homofóbico consequentemente produzido contribuiu para o aumento do preconceito e da violência contra os homossexuais ao longo dos anos. Objetivou-se, assim, entender como esses discursos produzidos causaram – e ainda causam – danos que impactam na liberdade e equivalência social. Para embasar essa análise crítica, empregou-se a pesquisa bibliográfica, centrando as reflexões nos conceitos de poder, assujeitamento e subjetividade desenvolvidos por Foucault, bem como no papel social da psicologia e os dispositivos dos quais lança mão para ajudar a construir saberes que implicam em modos de viver e pensar previamente e historicamente estabelecidos. Concluiu-se que essas teorias seguem fazendo parte das ideias do senso comum e ainda são apresentadas nos cursos de formação acadêmica como se fossem inquestionáveis postulados científicos.

Palavras-chave: Psicologia crítica. Psicanálise. Homossexualidade. Homofobia. Foucault.

ABSTRACT

The contribution of psychology to the construction of the homophobic profile.
SANTOS, C. O.; SANTOS, M. J.; SILVA, P. S.; TAMURA, R. C.; GRANDEZA, T.
MERCADO, E. A. (orientadora). Psychology Program, Research Report. Institute of
Human Sciences. Universidade Paulista – UNIP, Chácara II, 2025.

This paper investigated how the topic of homosexuality has been historically approached by psychology. It was considered that the stance adopted was to adapt the LGBTQIAPN+ population to an imposed standard of heterosexuality. The homophobic discourse produced within this framework has contributed to the increase in prejudice and violence against homosexuals over the years.. Our aim was to understand how these produced discourses caused – and still cause – harm that impacts in freedom and social equivalence. To support this critical analysis, bibliographical research was used, focusing reflections on the concepts of power, subjection, and subjectivity developed by Foucault, as well as on the social role of psychology and the mechanisms it uses construct knowledge that shapes ways of living and thinking previously and historically constituted. It was concluded that these theories continue to be part of common sense ideas and are still presented in academic courses as if they were unquestionable scientific postulates.

Keywords: Critical psychology. Psychanalysis. Homosexuality, Homophobia. Foucault.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. A HOSTILIDADE HISTÓRICA DA PSICOLOGIA FRENTE À POPULAÇÃO LGBTQIAPN+	14
1.1 Apresentação.....	16
1.2 Tema, problema e levantamento bibliográfico.....	16
1.3 Objetivos.....	18
1.3.1 Objetivo geral.....	18
1.3.2 Objetivos específicos.....	18
1.4 Hipóteses.....	19
1.5 Justificativa.....	19
2. MÉTODO	22
2.1 Material.....	22
2.2 Critérios de inclusão.....	22
2.3 Critérios de exclusão.....	23
2.4 Procedimentos de análise de dados.....	23
2.5 Cronograma.....	26
3. A IMPOSIÇÃO DA NORMA AO DESEJO: a relação da psicologia moderna com a homossexualidade	27
3.1 A psicologia e o controle da sexualidade.....	28
3.1.1 Sigmund Freud (1856-1939).....	32
3.1.2 Afred Adler (1870-1937).....	36
3.1.3 Carl Gustav Jung (1875-1961).....	38

3.1.4 Wilhelm Reich (1897-1957).....	40
3.1.5 Melanie Klein (1882-1960).....	42
3.1.6 Erich Fromm (1900-1980).....	43
3.1.7 Jacques Lacan (1901-1981).....	45
3.2 A invenção da homossexualidade.....	46
3.3 Psicologia: a ciência em questão.....	49
3.4 A produção da sexualidade segundo a concepção foucaultiana.....	51
4. DISCUSSÃO	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS,,,,.....	66
ANEXOS.....	75
ANEXO 1 - Termo de autoria do Trabalho Acadêmico de Pesquisa.....	76
ANEXO 2 - Relatório de detecção de plágio.....	77

INTRODUÇÃO

A ideia deste trabalho surgiu durante uma aula de psicanálise, ministrada em nosso curso de graduação em Psicologia. Em determinado momento, uma aluna perguntou ao professor por que os homossexuais são desta maneira. Ele a puxou de canto, baixou o tom da voz e começou a rezar a cartilha freudiana a respeito do complexo de Édipo não superado e do narcisismo homossexual. Escutamos atônitos àquela explicação, que nos soou tão absurda e preconceituosa que não pudemos nos sentir se não incomodados, para não dizer ofendidos.

Decidimos, então, ir à fundo na psicanálise e pesquisar o que ela diz a respeito do tema da homossexualidade. Freud tratou do assunto inúmeras vezes, assim como seus seguidores, e as teorias apresentadas sempre colocaram os homossexuais num lugar de inadequação. Eles, os homossexuais, tornam-se assim por determinado desvio psíquico ou por alguma falta, e andam na contramão do ideal de normalidade. Cabe à psicologia adaptá-los à sociedade, e não o contrário, quando não convertê-los em heterossexuais, livrando-os, assim, de sua condição patológica.

Essa linha de pensamento foi herdada da medicina, mais especificamente da psiquiatria que começou a florescer a partir do século XIX, e que tentava impor regras morais e de conduta que eram consideradas “naturais”. Quem não se enquadrasse nesses ideais, precisava de algum tipo de correção, de tratamento e de cura. Até então, os homossexuais eram pessoas que gostavam de pessoas do mesmo sexo, mas a partir do momento em que foram taxados de anormais, invertidos ou degenerados passaram a ser mais uma classificação nos manuais de transtorno mentais.

O mundo mudou muito desde então, e a homossexualidade deixou de ser considerada uma doença. Mas isso não afrouxou o preconceito e a violência física e psíquica que os homossexuais sofrem diariamente. Mesmo com todos os avanços sociais e legais, a homofobia ainda é uma questão preocupante e está longe de ser superada. Vemos, atualmente, uma onda de ultraconservadorismo surgir em todo o mundo, principalmente com a ascensão da extrema-direita e da doutrinação em massa a partir de cultos religiosos como o movimento neopentecostal, em plena ascensão no Brasil.

Dessa maneira, a partir da psicanálise, ampliamos nossa investigação para saber como os teóricos mais relevantes da psicologia abordaram a questão da homossexualidade. Autores tão caros e prezados, como Fromm, mostraram-se implacáveis e cruéis, assim como o cultuado Lacan, que disse ser possível converter homossexuais em heterossexuais. Os conceitos preconceituosos e até mesmo agressivos com os quais nos deparamos colocaram em xeque nossa concepção de ciência, sua suposta neutralidade, universalidade e validação.

Encontramos em Foucault os subsídios que nos auxiliaram a entender os conceitos de verdade e poder, e como eles foram produzidos e incorporados pela ciência, mais especificamente pela psicologia. Conhecer os dispositivos que controlam e regulam a sociedade é fundamental para que seja possível tornar mais claro de onde surgem as ideias que tornam naturais determinados comportamentos e condenam outros.

Deste recorte específico da homossexualidade, desenvolveu-se um trabalho que problematiza a psicologia de uma maneira geral. Essa análise questiona seus saberes e preceitos, e busca, a partir de uma mirada para trás, cuidar para que os seus erros históricos não voltem a se repetir. Além disso, tendo como base nossas indagações, consideramos essencial que sejam validados outros modos de ser e de viver, sem classificações de certo e errado, de saudável e patológico, e que a psicologia seja uma ferramenta de apoio para uma sociedade igualitária.

1. A hostilidade histórica da psicologia frente à população LGBTQIAPN+

1.1 Apresentação

Em 17 de maio de 1990, a Assembleia Geral da Organização Mundial de Saúde – OMS, declarou oficialmente que “a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio”, eliminando-a da Classificação Internacional de Doenças (CID). Até então, utilizava-se o termo “homossexualismo”, no qual o sufixo “ismo” referenciava que pessoas que sentiam atração por outras do mesmo sexo seriam portadoras de transtornos ou doenças mentais. A partir de então, este é o Dia Internacional Contra a Homofobia¹.

Apesar dessa conquista, o preconceito e a violência sofridos pela população LGBTQIAPN+² está muito distante de cessar. A sociedade ainda pauta seus conceitos por ideias cristalizadas de normalidade e enxerga a homossexualidade como um desvio. Parte desses princípios foi estabelecido a partir de juízos da psicologia e da psiquiatria, que por muitas décadas demonizaram os homossexuais, submetendo-os aos mais diversos tratamentos e terapias de conversão.

O Conselho Federal de Psicologia – CFP, publicou em 22 de março de 1999 a Resolução CFP Nº 01/1999, que estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual. O documento considera que a homossexualidade não constitui uma patologia, nem um distúrbio e tampouco uma perversão, e que a maneira com a qual cada indivíduo vive sua sexualidade faz parte de sua identidade e, portanto, deve ser compreendida na sua totalidade. Conforme o Art. 2º desta resolução:

¹ Homofobia é uma hostilidade geral, psicológica e social, contra aqueles que sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos do mesmo sexo. Trata-se de uma extensão do sexismo pois rejeita igualmente todos aqueles que não se conformam com o papel predeterminado para seu sexo biológico. Essa construção ideológica promove uma forma de sexualidade (hétero) em detrimento de outra (homo), organizando assim uma hierarquização das sexualidades, e dessa postura extrai consequências políticas. Ela designa dois aspectos de uma mesma realidade: a dimensão pessoal, de natureza afetiva ou psicológica, que se manifesta pela rejeição dos homossexuais, e a dimensão cultural, de natureza cognitiva, em que o objeto da rejeição não é a pessoa-homossexual, mas a homossexualidade como fenômeno psicológico e social (Borrillo, 2013).

² LGBTQIAPN+ é uma sigla utilizada para se referir às lésbicas, gays, bissexuais, travestis/transsexuais, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais e não-binários. O símbolo “mais” aparece para incluir outras identidades de gênero e orientações sexuais que não se encaixam no padrão normativo. No entanto, seu uso vem sendo questionado, pois utilizado de forma tão genérica, não fornece uma identidade específica para cada uma dessas pessoas.

Os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas.

No entanto, contrariando a postura institucional do Conselho Federal de Psicologia, muito profissionais ainda se pautam por suas crenças homofóbicas particulares e adotam atitudes de adequação para os homossexuais. Um estudo realizado por Vezzosi *et al.* (2019) objetivou investigar quantitativamente as atitudes corretivas de psicólogos de diferentes abordagens teóricas frente à população LGBTQIAPN+. A análise dos dados mostrou que 29,48% dos profissionais exibem uma atitude corretiva quando solicitado pelo paciente e 12,43% adotam essa conduta mesmo quando não solicitado.

Grande parte dos teóricos da psicologia afirma que, por ser uma área do conhecimento, ela não se desenvolve espontaneamente, como se estivesse sujeita apenas aos seus dispositivos internos, mas que faz parte de uma complexa rede de saberes, inserida numa determinada época e cultura, e sofre influência das determinações externas que acabam por direcionar suas orientações. Portanto, seus profissionais refletem as ideias que vigoram na sociedade. Logo,

Para entender a história da psicologia, é necessário analisar o contexto em que a disciplina se desenvolveu, as ideias predominantes na ciência e na cultura da época, ou seja, o *Zeitgeist*, ou clima intelectual da época, além de examinar as forças sociais, econômicas e políticas existentes (Schultz e Schultz, 2021, p. 9).

Todavia, adotamos aqui a concepção desenvolvida por Foucault (2010a, 2010b, 2022, 2023), que define a psicologia como um dispositivo de saber-poder, ou seja, como um instrumento de manutenção de determinada conformação de poder. Ela participa de uma complexa rede de jogos discursivos e cria conceitos tidos como naturais e, conseqüentemente, irrefutáveis, tendo em vista a instauração de uma moral e de um controle dos corpos na sociedade.

Por essa perspectiva, ao estabelecer um padrão de normalidade e buscar adequação dos pacientes, a psicologia contribuiu para o aumento do preconceito e da violência contra a população LGBTQIAPN+ através de suas práticas discursivas. Parte das ideias homofóbicas vigentes na sociedade foram desenvolvidas a partir de sua postura taxativa e excludente, incorporadas e reproduzidas pelo senso comum.

Os homossexuais foram alvo de enunciados preconceituosos, repletos de agressividade e ódio, proferidos por respeitáveis teóricos da psicologia que deveriam, em teoria, pregar pela igualdade social, como Reich (1998):

A homossexualidade é a marca de Caim de uma cultura totalmente doente, destituída de Deus e de alma. É uma das consequências da concepção dominante da vida e do mundo, cujo fim máximo é a busca do prazer. É com razão que o professor Foerster afirma, na sua *Spxuatethik*: "Quando o heroísmo espiritual é ridicularizado e o gozo desenfreado da vida é exaltado, tudo quanto é perverso, demoníaco e mau ousa vir à superfície, chegando ao ponto de escarnecer do que é saudável, chamando-lhe doença, e transformando-se em norma de vida" (*Ibid.*, p. 133).

Partindo do pressuposto de que o homossexual é um "invertido" (Freud, 2016), alguns dos mais importantes autores desenvolveram diversas teorias a respeito da homossexualidade. Além de estipular o ajustamento como forma de tratamento, chegaram a recomendar internação e terapias de conversão. Tais ideias ainda são utilizadas no meio acadêmico sem qualquer tipo de reflexão crítica ou contextualização à época em que foram desenvolvidas, mantendo a perpetuação da discriminação e da violência contra a população LGBTQIAPN+.

1.2 Tema, problema e levantamento bibliográfico

Tendo como foco investigar a maneira como a psicologia vem se posicionando diante da população LGBTQIAPN+, buscamos compreender como essa questão foi trabalhada ao longo do tempo. O ponto nevrálgico de nossa discussão, entretanto, extrapola esse debate ao propormos uma discussão do próprio papel social da psicologia.

Iniciamos nossa pesquisa, portanto, por uma análise da constituição da psicologia moderna, a partir século XIX, e como ela se consolidou como uma área do saber, ao emergir da filosofia, de abordagens científicas e de práticas sociais, para tornar-se uma disciplina formal e independente.

Não entendemos a psicologia simplesmente como um conhecimento que se desenvolve a partir das ideias predominantes na ciência e na cultura em determinado horizonte histórico, mas tomamos de Foucault (2010a, 2010b, 2022, 2023) a ideia de poder disciplinar. A psicologia é entendida nesta análise como um dispositivo saber-poder. Isso porque,

saber e poder se implicam mutuamente: não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, e, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder. Todo ponto de exercício do poder é, ao mesmo tempo, um lugar de formação de saber. [...] E, em contrapartida, todo saber assegura o exercício de um poder. [...] É com o saber que se tem poder (Machado, 2022, p. 28).

Dessa forma, consideramos que a psicologia e suas práticas discursivas estão imbricadas nas relações de poder, com a função de disciplinar e estabelecer um parâmetro normalizante na vida das pessoas através “do adestramento do corpo, o aprendizado do gesto, a regulação do comportamento, a normalização do prazer, a interpretação do discurso” (Machado, 2022, p. 26). Uma dessas práticas é o que Foucault (2022) denominou “dispositivo da sexualidade”, pelo qual a sexualidade é produzida e regida, e o sexo ou o ato sexual é disciplinado.

A partir da problemática apresentada, interrogamos: De que forma a psicologia interferiu e até mesmo prejudicou a luta por equivalência³ e inclusão social da população LGBTQIAPN+? Ao adotar determinado conceito de normalidade, como os autores justificaram a patologização da homossexualidade através de suas teorias? Por que é importante discutir a psicologia e seu papel de forma crítica, de modo a questionar diversos de seus preceitos e, até mesmo, derrubá-los? A homossexualidade foi patologizada pelo regime médico e associada com ausência de saúde. Dessa forma, segundo Brulon (2018), tratando-se de um desvio, demandou o desenvolvimento de uma cura. A psicologia tratou de estudar e propor soluções para corrigir essa “anormalidade”.

Através da pesquisa bibliográfica em autores clássicos da psicologia, encontramos as mais diversas teorias que tentam explicar a homossexualidade. É importante salientar, entretanto, que ela é sempre vista como uma disfunção ou um desvio da normalidade. Freud (1976, 2010a, 2010b, 2011), Lacan (1999, 2010), Jung (2014, 2016, 2020), Reich (1978, 1998) e até mesmo Fromm (1965, 1992, 2015), tinham uma suposta verdade a respeito população LGBTQIAPN+, e as teorias que desenvolveram contribuíram para conceitos homofóbicos vigentes na sociedade até hoje. Dessa forma,

³ Optamos por utilizar “equivalência” no lugar de “igualdade” pois este último termo é um conceito político que supõe a diferença. De acordo com Scott (1988), não há sentido em se reivindicar a igualdade para sujeitos que são idênticos. A diferença implica relações de poder e é nomeada a partir de um determinado lugar que se coloca como referência.

A maioria daqueles que se recusam a viver segundo as normas de diferença sexual patriarcal foram, por um lado, perseguidos pela polícia e pelo sistema judiciário como potenciais criminosos e, por outro, patologizados pelo aparelho psicanalítico, encarcerados nas prisões psiquiátricas violados para provar sua verdadeira “feminilidade” ou “masculinidade”, submetidos a lobotomias, terapias hormonais, eletrochoques e supostas “curas analíticas”. [...] Um processo de extermínio político das minorias sexuais estava em marcha (Preciado, 2022a, p. 69).

Do outro lado, os homossexuais, historicamente silenciados, jamais foram considerados a partir de suas próprias vivências. Eles sempre ocuparam uma posição de inferioridade ou de diferença em relação aos “normais”, tornando-se reféns dessa pretensa verdade estabelecida pelos saberes normalizantes. Buscamos, assim, fundamentação teórica em autores que discutem a questão LGBTQIAPN+, como Halperin (1995), Rubin (2017), e Preciado (2022a, 2022b), para repensarmos as noções de verdade, conhecimento e poder através de uma ótica que seja não pautada pelo binarismo masculino/feminino, pela heteronormatividade e pelo regime da diferença.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

- Analisar como a psicologia lidou com as questões da população LGBTQIAPN+ através do levantamento bibliográfico de obras de diferentes autores e matrizes de pensamento, procurando discutir de forma crítica o papel por ela desempenhado na prática discriminatória dessa população.

1.3.2 Objetivos específicos

- Apresentar o preconceito sofrido pela população LGBTQIAPN+ a partir das obras de autores importantes da psicologia.
- Confrontar as ideias de normalidade propagadas pela psicologia com autores que contestam essa posição, principalmente pensadores que enfatizam questões voltadas às políticas de poder, conceitos de gênero e teoria queer⁴.

⁴ A teoria queer discute questões relacionadas aos estudos de gênero, principalmente o binarismo hetero/homossexualidade, e aos regimes de normalização impostos pela sociedade. Essa prática inclui diversas áreas das ciências humanas como estudos culturais, sociologia, antropologia, psicologia e filosofia.

- Investigar como a psicologia moderna se constituiu como disciplina independente e como surgiram e se desenvolveram seus aspectos epistemológicos.
- Explicar, a partir do pensamento de Foucault, de que maneira a psicologia tornou-se um poder disciplinar e um agente de saber-poder na sociedade.

1.4 Hipóteses

Em 1999, o Conselho Federal de Psicologia – CFP, através da Resolução CFP nº 01, instituiu que a psicologia deve contribuir com seus conhecimentos para o esclarecimento sobre as questões da sexualidade, permitindo a superação de discriminações das quais a população LGBTQIAPN+ é vítima.

Entretanto, podemos nos indagar, que conhecimentos são esses aos quais se refere o CFP? Entendemos que muitas das teorias clássicas propostas dentro da psicologia foram articuladas em outros contextos históricos e culturais, e, conseqüentemente, refletem opiniões ultrapassadas e tendenciosas. Mas será que existe, *atualmente*, um cuidado nos estudos das mesmas, que trate de contextualizá-las e apontar suas deficiências e posturas preconceituosas?

Acreditamos que várias das teorias homofóbicas desenvolvidas ainda são utilizadas atualmente sem nenhum tipo de descrição contextual ou advertência. Diversos profissionais continuam buscando explicações para algo que consideram ser uma anormalidade, e as mesmas teorias, algumas desenvolvidas há mais de 120 anos, continuam sendo discutidas como se fossem atemporais e desprendidas de uma determinada configuração histórica. Partimos do pressuposto de que é fundamental que a psicologia repense seus conhecimentos para, finalmente, dialogar entre iguais com a população LGBTQIAPN+, sem a pretensão de impor nenhum saber.

1.5 Justificativa

A população LGBTQIAPN+ se encontra em constante exposição à discriminação e sofre invisibilidade frente às diversas instituições, políticas públicas, economia e ao Estado, sendo vítima de violência física e psicológica no meio social. Essa questão é considerada um problema de saúde pública e seu enfrentamento faz

parte dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas – ONU. Discutir o regime de normalidade que pauta as práticas discursivas da psicologia é uma das ferramentas das quais podemos lançar mão no combate ao preconceito. Para tanto, é essencial realizarmos uma análise crítica e repensarmos seu papel nesse contexto. A presente pesquisa reforça essa necessidade de autorreflexão da psicologia.

A psicologia, enquanto uma ciência e profissão em constante transformação, precisa ter seus pressupostos questionados, contextualizados e colocados em um permanente intercâmbio com as demais disciplinas que pautam a sociedade. Ela deve almejar a transformação das relações humanas, e não contribuir para a manutenção de uma rede de poder que exclui e concede privilégios a poucos. Devemos, portanto, desenvolver um olhar aguçado e questionador sobre suas teorias e práticas, apontando seus equívocos e levantando seus principais problemas.

Ao assumir uma postura normalizadora e buscar adequação para os comportamentos considerados desviantes em relação a um padrão adotado, a psicologia age como um poder disciplinar. Ela, muitas vezes, abdica de uma escuta neutra e enriquecedora para impor sua visão unilateral à população LGBTQIAPN+. Esta, por sua vez, segue silenciada e impedida de ter seus saberes e conhecimentos levados em conta. Ao propor um diálogo horizontal, onde não há um detentor de saberes, buscamos ampliar nossa rede de conhecimentos e lutar por uma sociedade mais justa e equitativa. Afinal, por si própria a homofobia nada mais é de uma pretensão de conhecimento (Halperin, 1995).

2. MÉTODO

Toda pesquisa requer uma metodologia que forneça uma base lógica e uma linha de raciocínio eficiente à investigação. O método possibilita um desenrolar seguro na coleta e análise de informações a partir de determinadas regras, instrumentos e procedimentos indispensáveis para a prática científica. Para Luna (1997), o rigor da metodologia de pesquisa representa os paradigmas aceitos pelos diferentes grupos de pesquisadores em um dado período de tempo.

Nesta investigação acadêmica, empregamos a revisão sistemática de literatura para coletar e analisar os dados levantados. Esta forma de tratamento emprega protocolos específicos, verificáveis e bem delineados. Utilizam-se as metanálises para complementar essa revisão, permitindo que fizéssemos um estudo quantitativo do conteúdo disponível, agregando os resultados de dois ou mais estudos independentes sobre uma mesma questão. A partir daí, foi possível iniciarmos uma análise qualitativa de todo o material selecionado.

No desenvolvimento desta pesquisa fizemos uso do protocolo PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*). Ele estabelece algumas etapas que auxiliam a elaboração do trabalho científico, que vão desde o *checklist*, que estipula a lista de itens necessários para a revisão sistemática, até o direcionamento das principais etapas da pesquisa: a metodologia, objetivos, discussão e resultados, a fim de garantir um trabalho mais claro, objetivo e inteligível para os leitores.

Outra ferramenta valiosa que ele disponibiliza é o fluxograma de seleção de estudos, que possibilita ao pesquisador uma estruturação visual do material encontrado. Ele assegura mais transparência no processo, por permitir a identificação dos artigos e posterior demonstração dos critérios de inclusão e exclusão dos mesmos.

Esse modelo também forneceu orientações precisas para a elaboração do relatório de revisão de cada uma das etapas de nossa pesquisa. Dessa maneira, a sistematização que o PRISMA oferece contribuiu para um trabalho mais criterioso e

fidedigno, com fontes confiáveis e processos bem engendrados durante todo o período de elaboração do trabalho.

2.1 Material

Uma das etapas do processo de revisão sistemática consiste na elegibilidade do material selecionado. Esse conteúdo embasa toda a pesquisa e precisa ser transparente e relevante para o tema selecionado. Tudo começa com a questão que se coloca, a problemática do estudo, e ela deve contemplar aspectos como a especificação da população ou do problema a ser compreendido, e o desfecho ao qual se pretende chegar.

Uma vez definida a pergunta que orienta a pesquisa, foi realizada uma busca acurada para que fossem identificados os estudos relevantes acerca do tema selecionado. Neste processo, a questão colocada foi: “Como a homossexualidade foi abordada pelos principais autores e matrizes de pensamento da psicologia?”. Consultamos artigos científicos disponibilizados nas bases de dados eletrônicas SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) e PePsic – Periódicos de Psicologia, além das fontes primárias encontradas nesses textos e do material utilizado ao longo do curso de psicologia. Também realizamos pesquisas em catálogos de editoras especializadas em publicações de psicologia, na busca de títulos que nos fossem profícuos.

A partir da análise do material encontrado, pudemos reduzir a quantidade de textos a serem estudados ao focarmos apenas nos aspectos relevantes para nossa discussão, por meio dos critérios de inclusão e exclusão propostos para este estudo. Como no caso anterior, os artigos selecionados serviram de base para consultarmos as fontes primárias.

2.2 Critérios de inclusão

A seleção do referencial teórico empregado foi feita a partir de artigos científicos e livros que abordassem homossexualidade e psicologia, considerando autores clássicos como Freud, Jung e Lacan, e textos que discutissem a teoria foucaultiana de poder. Utilizamos tanto o material disponível nas bases eletrônicas de dados, como

as fontes primárias dos artigos consultados e a bibliografia dos principais teóricos da psicologia. Buscamos textos que tratassem da temática homossexual e que nos auxiliassem a traçar um perfil histórico da própria psicologia por meio de uma análise crítica. Dentre as obras de Foucault, selecionamos aquelas que abordavam a problemática do poder e seus temas derivados.

2.3 Critérios de exclusão

Optamos por excluir da pesquisa todos os textos que não estivessem alinhados com nossa proposta. Como o foco de nossa análise são os autores e as teorias clássicas, não utilizamos artigos que abordassem aspectos recentes da homossexualidade na psicologia, como identidade de gênero, homoparentalidade e demais assuntos fora do nosso escopo de trabalho. Também foram excluídos de nossa seleção os livros de psicologia que não abordassem diretamente a homossexualidade. Buscamos afunilar o material selecionado, a fim de garantir um trabalho mais preciso e consistente com a questão abordada.

2.4 Procedimentos de análise de dados

A pergunta que norteou nosso trabalho foi: “Como a homossexualidade foi abordada pelos principais autores e matrizes de pensamento da psicologia?”. Com base nesta questão, elaboramos outros pontos e apreciações importantes que acabaram constituindo os objetivos específicos da pesquisa. O passo seguinte foi realizar uma busca do material disponível.

Antes de consultarmos as bases de dados eletrônicas, definimos uma estratégia de busca que nos permitiu localizar a informação desejada. Depois de definirmos as terminologias necessárias, usamos os operadores booleanos “OR” para os descritores da mesma categoria e “AND” para os descritores de categorias distintas. Dessa maneira, a pesquisa foi efetuada a partir dos seguintes descritores: “Homossexualidade OR LGBT OR Gay AND Psicologia”. Foram encontrados 55 artigos no PePsic e 38 no SciELO. Para os artigos foucaultianos, usamos os descritores “Foucault AND Psicologia AND Poder”. Encontramos 35 artigos no PePsic

e 42 no SciELO. Não restringimos essa seleção a nenhum período específico de tempo.

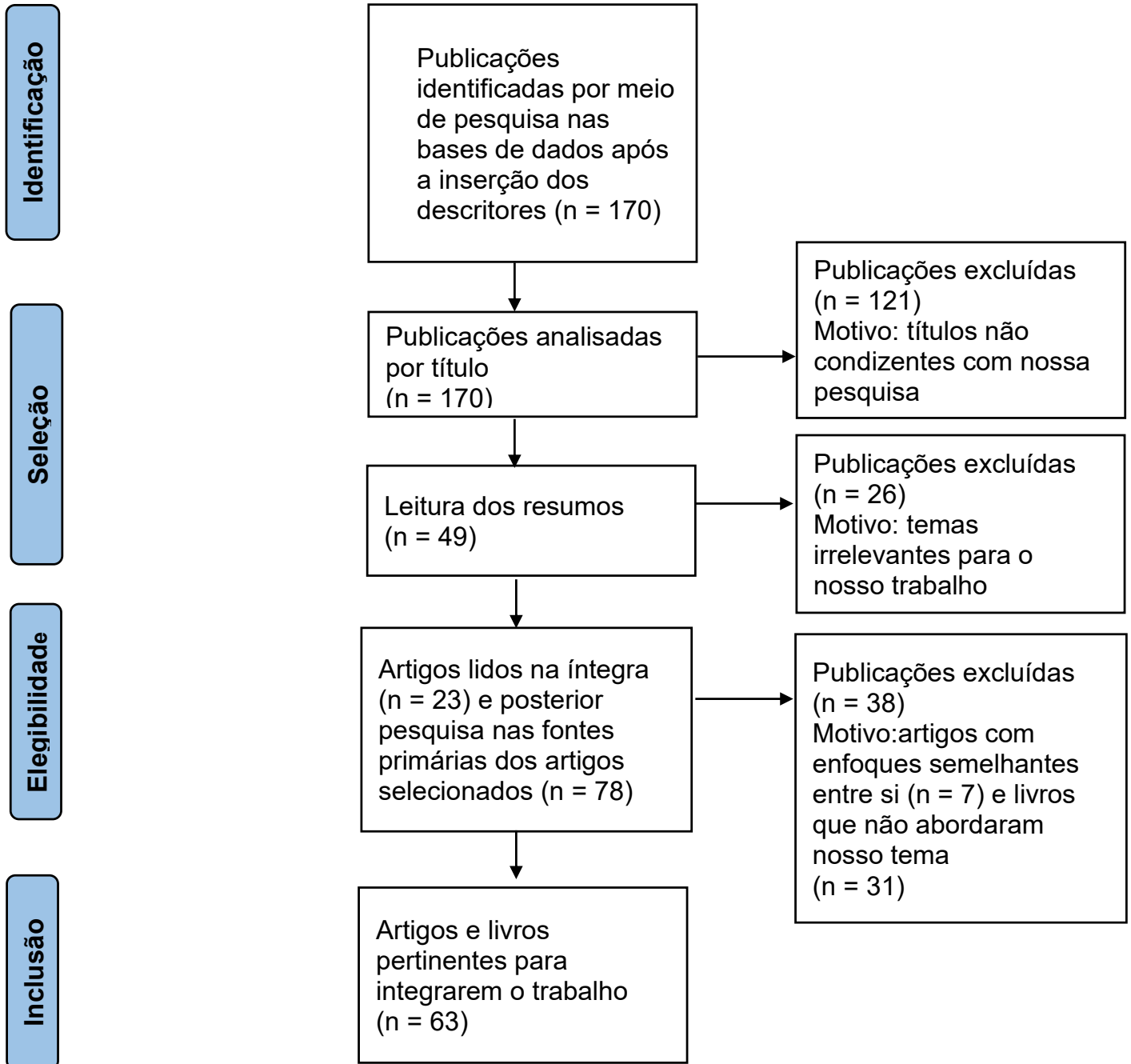
Para a apuração do material, aplicamos os critérios de inclusão e exclusão citados anteriormente. Inicialmente foi feita uma revisão dos títulos e seus respectivos resumos, subsequente leitura completa dos textos que estivessem de acordo com a nossa abordagem. De um total de 170 artigos encontrados, selecionamos apenas dezesseis para integrar a pesquisa. Deles, foram extraídos os dados mais relevantes, organizados e sistematizados através de fichamentos.

Uma análise atenciosa permitiu identificar padrões e faltas na literatura científica em relação ao tema. Notamos, por exemplo, que não havia dados disponíveis sobre autores importantes como Adler e Fromm, e isso nos exigiu uma busca ainda mais aprofundada. Decidimos pesquisar as fontes primárias dos artigos selecionados para ampliar nosso conhecimento do assunto e abordá-los sob um ângulo distinto, prezando pelo ineditismo. Para isso, consultamos uma extensa bibliografia de autores clássicos da psicologia e Foucault, sem perder de vista o foco de nosso tema. Alguns textos não estavam disponíveis em português e por isso tivemos que traduzir parte do material.

Consultamos um total de 78 livros e uma leitura superficial nos permitiu excluir 31 desses títulos por não abordarem o tema de acordo os propósitos da pesquisa. Os livros utilizados passaram por uma leitura mais esmiuçada e foram fichados para uso ao longo do trabalho. É importante ressaltar que nem todos foram lidos na íntegra, mas focamos apenas nas discussões relacionadas ao nosso trabalho.

Elaboramos um fluxograma (imagem 01) de acordo com o PRISMA para representar nosso processo de busca e seleção dos artigos e livros utilizados. Ele determinou inicialmente a quantidade de material encontrado com a aplicação das estratégias de busca, inclusão e exclusão, e terminou com a delimitação do conteúdo para a amostra de nossa revisão bibliográfica. Conforme defendido por Luna (1997), esse procedimento assegura uma maior transparência de todas as informações. É uma forma do pesquisador oferecer ao leitor os passos que seguiu ao longo do procedimento de análise, desde os critérios de seleção, até as transformações que realizou com o que foi coletado.

Fluxograma 01: Identificação de estudos a partir das bases de dados e registros



Fonte: Adaptado do PRISMA, 2020.

2.5 Cronograma

No primeiro semestre de 2024 foi realizada a definição do tema e problema da pesquisa, apresentando a hipótese da qual partimos para essa análise, bem como os objetivos e a justificativa do trabalho. No segundo semestre do mesmo ano foram feitas as coletas de dados, pesquisas bibliográficas e análise do material selecionado. A partir daí organizamos um roteiro de análise e iniciamos a redação do texto. No primeiro semestre de 2025 concluímos a análise dos resultados e a discussão dos mesmos em relação à investigação proposta. No segundo semestre de 2025 elaboramos a revisão final, preparando o texto para a apresentação pública.

Cronograma de pesquisa

ETAPAS	2024												2025											
	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov		
Escolha do tema	X	X																						
Pesquisa bibliográfica			X	X	X	X																		
Coleta de dados							X	X																
Análise de dados									X	X	X	X	X	X	X									
Organização do roteiro																X	X							
Redação do trabalho																	X	X	X					
Revisão e redação																		X	X					
Ajustes e redação final																			X					
Entrega do TCC																			X	X				
Apresentação do TCC																						X		

Fonte: Autores da pesquisa, 2025.

3. A IMPOSIÇÃO DA NORMA AO DESEJO: a relação da psicologia moderna com a homossexualidade

A homossexualidade foi largamente abordada pelos principais teóricos da psicologia moderna. No entanto, na maior parte dos casos ela foi vista através de um olhar judicante, quase sentencioso, sofrendo as mais diversas discriminações por meio das teorias desenvolvidas. A adoção pela psicologia do paradigma heterossexual, tido como ideal, colocou os homossexuais em uma posição de vulnerabilidade e sofrimento psíquico. Eles tornaram-se alvo de uma constante patologização por serem considerados anormais e, por isso necessitarem de algum tipo de correção, já que esse comportamento era inaceitável. Ao invés de advogarem por equidade e direitos civis, esses teóricos perpetuaram a exclusão e o preconceito.

A adoção da heterossexualidade como modelo e, conseqüentemente, norma, originou-se de uma configuração estritamente binária dos gêneros, na qual os papéis masculino e feminino foram naturalizados, deixando assim pouca margem para críticas e questionamentos referentes a essas atribuições. Como afirmou Freud (1976), a anatomia é o destino. Essa rigidez dos papéis sexuais desencadeou uma reação de estranhamento à homossexualidade pois qualquer desvio do padrão de normalidade precisava passar por uma adequação.

Dentro desse cenário, a psicologia agiu como instauradora de comportamentos considerados aceitáveis e, conseqüentemente, como um “dispositivo de normalização”, parafraseando a clássica concepção foucaultiana. Ao analisarmos a maneira como o saber psicológico discutiu a homossexualidade, é possível colocar uma lente de aumento sobre o seu “modus operandi” e, no limite, inquirir sobre seu próprio papel dentro da sociedade.

A partir de um estudo atento da abordagem da homossexualidade no trabalho de alguns dos mais importantes teóricos, como Freud, Adler, Jung, Reich, Klein, Fromm e Lacan, destacamos conceitos e posições preconceituosas que contribuíram ainda mais para o fomento da homofobia, já que esses estudiosos foram e ainda são considerados autoridades no contexto da psicologia moderna.

Em contraponto, buscamos na obra de Foucault o embasamento teórico para questionar as noções adotadas pela psicologia moderna e seus teóricos, colocando em xeque a própria ideia do que é considerado natural no campo da sexualidade. A partir daí, situamos a psicologia nas relações de poder que permeiam a sociedade e produzem saberes tomados como verdades universais. Tais discursos produzidos pela psicologia são incorporados pelos indivíduos e passam a orientar práticas culturais, políticas e sociais.

3.1 A psicologia e o controle da sexualidade

Em 1935, uma mulher americana decidiu escrever uma carta ao célebre Dr. Sigmund Freud por conta da aflição que sentia em relação à sexualidade de seu filho. A resposta do psicanalista tornou-se conhecida por evidenciar a homossexualidade como algo não passível de tratamento. No manuscrito, ele diz que a homossexualidade "não pode ser qualificada como uma doença" e que "não existem motivos para se envergonhar dela, já que isso não supõe vício nem degradação alguma" (Freud, 2019, p. 29).

A empática explanação indicou uma postura acolhedora, livre de julgamentos e contrária à patologização da homossexualidade. Mas uma análise mais atenta da teoria psicanalítica aponta que a questão é um tanto complexa. Ao longo de sua obra, Freud apresentou algumas explicações para a homossexualidade. Entretanto, ao partir do paradigma heterossexual, situou os homossexuais, mesmo que implicitamente, no campo da anormalidade. Segundo Freud (2006),

As inibições em seu desenvolvimento (da genitalidade) manifestam-se como os muitos tipos de distúrbio da vida sexual. Quando é assim, encontramos fixações da libido a condições de fases anteriores, cujo impulso, que é independente do objetivo sexual normal, é descrito como perversão. Uma dessas inibições do desenvolvimento é, por exemplo, a homossexualidade, quando ela é manifesta (p. 98).

Como ironiza Katz, J. (1996), do início ao fim de seus ensaios, Freud “proclama o ato sexual normal de homens e mulheres normais como o objetivo normal do desenvolvimento sexual normal desses indivíduos normais” (p. 89). Num período histórico em que ciência positiva atingia o auge de sua valorização, a palavra “normal” adquire sentido de “natural”. Portanto, a heterossexualidade foi fixada no ideal da natureza.

Desde os seus primórdios, a psicanálise foi regida por um esquema sexual estritamente binário. O modelo essencialista⁵ de masculino/feminino serviu como pano de fundo para que Freud desenvolvesse sua teoria, posteriormente ampliada por outros autores. Além de se amparar no regime da diferença sexual, que toma a anatomia como base, a psicanálise adotou o masculino como ponto de partida. Conseqüentemente, o “falo” tornou-se o centro da sexualidade e o restante foi rebaixado à sua mera derivação. De acordo com esse entendimento, o feminino não existe por si, mas se constitui e se define sempre a partir do modelo masculino.

Dessa maneira, a concepção falocêntrica coloca o feminino em uma posição secundária por originar-se do falo. Segundo Sampaio (2010), trata-se de uma relação dialética, na qual um sexo só pode ser definido em oposição a outro. É como se a mulher psicanalítica resultasse “de um desenvolvimento insuficiente ou deformado quando comparada, sob os mesmos critérios e o mesmo percurso edípico, ao que se dá com o homem” (Cossi, 2019, p. 323). O modelo falocêntrico traz conseqüências não apenas para a psicanálise, mas também para os campos filosófico, cultural e social:

é como se neste momento de sua obra Freud enunciasse uma única razão, idêntica a si mesma, uma verdade que originaria quaisquer outras ideias ou a verdade de onde todas as afirmações emergissem. Desta verdade descenderiam todos os corpos e gêneros, os masculinos, que a pudessem expressar adequadamente, os femininos, que a diriam falhando, arremedando ou girando fora dela (Katz, C., 2021, p. 1).

Por ter relegado à mulher uma posição derivativa e, portanto, menor, Freud, segundo Saffioti (2015), é “o maior misógino da história da humanidade” (p. 34). Exageros a parte, essa postura tem origens bastante remotas e não faz mais do que dar continuidade a uma velha tradição ocidental, que teve início com a cena primitiva da humanidade. Afinal, analogamente, temos que:

O Senhor Deus fez num torpor o homem, que adormeceu; tomou uma das suas costelas e voltou a fechar a carne no lugar dela. O Senhor Deus transformou a costela que tirara do homem em uma mulher e levou-a a ele. O homem exclamou: “Eis, desta vez, osso dos meus ossos e a carne da minha carne! Ela se chamará humana pois do humano foi tirada”. Por isso o homem deixa seu pai e sua mãe para ligar-se à sua mulher, e se tornam uma só carne (Bíblia, Gn 2, 21 a 24, p. 13, 1995).

⁵ O essencialismo procura explicar as propriedades de um todo complexo com referência a uma suposta verdade ou essência interior imutável e universal. Essa abordagem reduz a complexidade do mundo à suposta simplicidade imaginada de suas partes constituintes (Weeks, 2023).

Preciado (2022a) explica que a invenção da diferença sexual baseada na estética anatômica serviu para sustentar as bases do patriarcado no fim do século XVIII. Uma vez naturalizadas as distinções entre homens e mulheres, diversas ferramentas sociais e políticas ficaram fora do alcance feminino como uma maneira de manter os privilégios masculinos. Foi nesse contexto que Freud emergiu:

A psicanálise freudiana, enquanto teoria do aparelho psíquico e prática clínica, foi inventada precisamente no momento em que se cristalizavam as noções centrais da epistemologia das diferenças racial e sexual: raças evoluídas e raças primitivas, homem e mulher definidos como anatomicamente diferentes e complementares por seu poder reprodutivo, como figuras potencialmente paternas e maternas na instituição familiar colonial burguesa; [...] a psicanálise é a ciência do inconsciente patriarco-colonial, é a teoria do inconsciente da diferença sexual (*Ibid.*, p. 55-56).

As noções de complexo de Édipo e de castração⁶, tão emblemáticas à psicanálise, são representantes dessa diferença sexual. Todo o desenrolar da sexualidade e, a partir daí, da psique humana, ocorre de dentro do universo falocêntrico, como esclarece Ponciano (2022):

Freud, quando se reporta à sexualidade infantil, percebe que a criança de sexo feminino, por meio de sua fantasia, não perceberá a existência de um órgão sexual próprio, desconsiderando, assim, a existência da vagina, enquanto percebe a existência do órgão fálico, colocando-se, desse modo, em posição de inferioridade ante o menino, pois seu clitóris é um pênis que ainda não se desenvolveu. Por isso, justifica Freud que (1933/2010, p. 271), “a garota pequena é um pequeno homem”. Embora entendamos que estamos dentro da instância imaginativa da criança, que, em um primeiro momento, percebe-se como menino, o que está em jogo é o fato de que Freud centraliza o pênis como órgão principal que rege as experiências das crianças em um determinado momento (p. 174-175).

Mesmo admitindo em sua obra que traços masculinos e femininos estão presentes em todos os indivíduos, Freud seguiu adotando uma postura essencialista. No entanto, essas características são constructos culturais e não biológicos e, por isso, altamente dinâmicos, variando de acordo com a época e a sociedade em questão. Por isso, não se pode tratar de masculinidade e feminilidade como um conceito universal, ao contrário do que fez a psicanálise.

⁶ Complexo de Édipo é a representação inconsciente pela qual se exprime o desejo sexual ou amoroso da criança pelo genitor do sexo oposto e sua conseqüente hostilidade para com o genitor do mesmo sexo. Ele aparece entre os 3 e os 5 anos e desaparece com o complexo de castração, pelo qual o menino reconhece na figura paterna o obstáculo à realização de seus desejos pela mãe. Ele abandona tal investimento e evolui para uma identificação com o pai, a qual lhe permite, mais tarde, uma outra escolha de objeto amoroso/sexual e novas identificações. Se o menino sai do Édipo através da angústia de castração, a menina ingressa nele pela descoberta da castração, por não possuir um pênis e invejar tê-lo. Nela, o complexo se manifesta pelo desejo de ter um filho do pai. Ao contrário do menino, a menina desliga-se de um objeto do mesmo sexo (a mãe) por outro de sexo diferente (o pai). Em ambos os sexos, o apego à mãe é o elemento comum e primeiro (Roudinesco e Plon, 1998, p. 166-168).

Essa polaridade sexual, como veremos adiante, vai servir de apoio para as teorias freudianas da homossexualidade. Para Preciado (2022b), esse padrão de pensamento produz não apenas ferramentas sociais para estabelecer os conceitos de feminilidade e masculinidade, mas também uma fragmentação do corpo e sua consequente renaturalização. O binômio homem-mulher estabelece um determinado recorte anatômico que isola as zonas erógenas para identificá-las como os supostos centros naturais da diferença sexual.

De forma geral, a recém-estabelecida psicologia do final do século XIX seguiu os preceitos da medicina e da psiquiatria em relação à sexualidade, considerando anormal e, por vezes, imoral, qualquer comportamento que não se encaixasse no modelo heterossexual. De acordo com Borrillo (2013), essa atitude tem origem no androcentrismo, que implica tanto a subordinação do feminino ao masculino quanto a hierarquização das sexualidades, fundamento primeiro da homofobia.

A prepotência de querer controlar o desejo dos outros serviu de guia para importantes autores da psicologia extravasarem seus preconceitos. Eles buscavam regular as formas e o conteúdo da sexualidade, impondo limites e decidindo o que era ou não aceitável, o que era permitido sentir ou ser. Nem todos esses teóricos tinham consciência do conteúdo homofóbico que produziam, talvez por uma limitação de olhar ou sensibilidade, talvez por uma incapacidade de se dissociar das ideias vigentes que atendiam à moral burguesa da época. Ao longo de nossa pesquisa, identificamos um vasto material que exemplifica essa mentalidade, seja por meio das teorias desenvolvidas, seja por uma atuação clínica com fins corretivos.

Quase todos os psicólogos analisados nesta pesquisa são psicanalistas, como Freud, Lacan e Klein, ou tiveram sua formação profissional e ideológica a partir da psicanálise, como Adler, Jung, Reich e Fromm. As demais linhas e matrizes psicológicas não sistematizaram um conhecimento sobre a homossexualidade, por isso há dificuldade em encontrar dados a esse respeito. Mas as práticas patologizantes não se restringiram aos psicanalistas e atravessaram a psicologia de uma maneira geral.

A psicologia, portanto, está imbricada nas relações de poder da sociedade. Seu discurso tem a pretensão de verdade e isso se encontra refletido na aceitação e validação de uma gama limitada de pensamentos e comportamentos, “resultando em

muitos outros modos de existência considerados inválidos, imorais ou desviantes e, portanto, merecedores de sanção social, punição legal ou erradicação” (Taylor, D., 2018, p. 13), como foi o caso da homossexualidade.

3.1.1 Sigmund Freud (1856-1939)

Para Freud (2011), nosso desenvolvimento sexual é efeito da combinação de fatores inatos e acidentais, e passa por uma série de estágios que só cessam após a puberdade. Seu desfecho constitui “a chamada vida sexual normal do adulto, na qual a obtenção do prazer ficou a serviço da função reprodutiva e os instintos parciais, sob o primado de uma única zona erógena” (*Ibid.*, p. 107). A única zona erógena em questão é, evidentemente, aquela usada para fins reprodutivos, ou seja, o pênis e a vagina. Essa passagem transmite um certo ar de valoração, que confirmaremos no desenrolar de nossa análise.

A primeira sistematização teórica freudiana da homossexualidade ocorreu em 1905, com a publicação de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. De início, o psicanalista questiona uma noção fundamental para a nosografia psiquiátrica da época: o instinto sexual⁷. Como esclarecem Medeiros e Carvalho (2018), esse conceito era entendido como uma lei fisiológica e, portanto, possuidora de uma natureza cuja finalidade é a reprodução da espécie. De acordo com essa tese, existiria uma atração natural, recíproca e inescapável entre o sexo masculino e feminino, cuja fonte estaria nos respectivos órgãos genitais. Tudo o que não se encaixasse nesse padrão era considerado uma degenerescência.

No entanto, Freud (2016) se distancia dessa ideia de instinto sexual atrelado a uma meta biológica reprodutiva. Ele diferencia objeto sexual de meta sexual, e afirma que não existe um vínculo natural entre eles:

se denominarmos objeto sexual a pessoa da qual vem a atração sexual, e meta sexual a ação à qual o instinto impele, a observação, cientificamente filtrada, indica numerosos desvios no tocante aos dois, objeto sexual e meta sexual, e a relação entre eles e a norma suposta requer uma investigação aprofundada (*Ibid.*, p. 21).

⁷ A ênfase no sexo como um instinto que expressa as necessidades fundamentais do corpo é reflexo de uma preocupação pós-darwiniana deste período em explicar todos os fenômenos humanos em termos de forças identificáveis, internas e biológicas (Weeks, 2023).

Porém, sua postura é contraditória, pois ao mesmo tempo em que recusa a noção de instinto como uma determinação natural visando a reprodução, ele classifica de “normal” apenas o sexo convencional e reprodutivo. De todo modo, seu conceito foi revolucionário pois, como vimos, para a comunidade médica o instinto sexual carregava consigo de forma indissociada a meta e o objeto sexual apropriado para a sua descarga.

Segundo Katz, J. (1996), a transformação do instinto sexual reprodutivo para a teoria libidinal de Freud denota uma mudança na ética da procriação; assim, proclama-se a passagem do período vitoriano⁸ para a era do princípio do prazer⁹. Essa opinião é endossada por Bulamah (2020):

Sendo o laço entre pulsão e objeto sexual da ordem da convenção, toda a questão da nosologia clínica-psiquiátrica acerca da homossexualidade ganha outra face – na qual seu suposto desvio dá lugar à diferença, sendo a anormalidade meramente estatística e não clinicamente patológica –; o localizacionismo, o evolucionismo, a degenerescência e, até certo ponto, a concepção positivista das perversões sexuais como um todo sofrem um sério abalo (*Ibid.*, 2020, p. 82).

De certo modo, ao introduzir os conceitos de meta e objeto sexual, Freud foi ao encontro da mentalidade burguesa da qual fazia parte. Nesse período, a reprodução deixava de ser valorizada em detrimento da busca pela satisfação sexual. Esse fato pode ser comprovado pela queda na taxa de natalidade austríaca entre 1871 e 1901 (Findl e Helczmanovszki, 1977). Segundo Freud (2013, p. 116),

Lançando um olhar abrangente sobre a vida sexual de nossa época, especialmente a das camadas sociais portadoras da civilização humana, somos tentados a dizer que a maioria dos que hoje vivem submete-se ao mandamento da procriação apenas a contragosto, sentindo sua dignidade humana ofendida e degradada.

Por outro lado, ao subverter a noção tradicional de instinto, Freud levou a discussão da homossexualidade para um outro patamar que não o da patologização. Para Vieira, L. (2009), a radicalidade desse pensamento é incontestável e o

⁸ A Era Vitoriana é o período histórico ocorrido durante a regência da rainha Vitória, entre 1837 e 1901, marcado pela sua ênfase em moralidade, comportamento social e o controle da sexualidade. Como consequência, criou um terreno fértil para o surgimento de questões que seriam abordadas pela psicologia nos anos subsequentes, com ênfase nos aspectos sexuais reprimidos.

⁹ Conceito central desenvolvido por Freud em 1911, o princípio do prazer designa um dos princípios que regem o funcionamento psíquico. Em oposição ao princípio da realidade, tem por objetivo proporcionar prazer e evitar o desprazer, sem entraves nem limites (Roudinesco e Plon, 1998, p. 603).

posicionou contra a moral vigente, cujas leis descriminavam e perseguiram os homossexuais.

Entretanto, mesmo tendo rompido com ideias preconceituosas, Freud não conseguiu se libertar do paradigma heterossexual. Apesar de todas as inovações que trouxe, permaneceu se comportando como um homem típico de seu tempo ao eleger a heterossexualidade como modelo de comportamento. Mais do que isso, deixou para os psicanalistas um legado retrógrado e raramente contestado, mesmo atualmente, como aponta Reitter (2021):

Se tomarmos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* como o texto precursor da psicanálise acerca da “sexualidade”, veremos que ele contém tanto uma abordagem completamente revolucionária sobre a maneira de pensar a sexualidade, algo nunca dito antes, como uma abordagem convencional, retrógada e normativa. Esta contradição [...] faz com que a psicanálise arraste até hoje um fardo de heteronormatividade que a coloca, neste sentido, abaixo de seu potencial (p. 26).

Na fase denominada pré-edípica¹⁰, as crianças do sexo masculino e feminino são consideradas indistinguíveis do ponto de vista psíquico. Freud as descreve como bissexuais, e ambos os sexos demonstram o quadro completo de atitudes libidinais, tanto ativas e passivas (esses termos são pensados em oposição, sendo o masculino ativo e o feminino passivo)¹¹. Além disso, o objeto primordial de desejo para ambas é a mãe. Devido a essa lógica, Rubin (2017) argumenta que a psicanálise teve que engendrar explicações para a homossexualidade, já que a bissexualidade era inata.

De acordo com Vieira, L. (2009), o conceito de narcisismo, fundamental na teoria psicanalítica, é de suma importância para a escolha de objeto sexual. Como resultado das primeiras experiências de satisfação da criança, podemos ter dois tipos de escolha objetal: a anaclítica, que refere-se aos primeiros objetos sexuais da criança, ou seja, as pessoas que a alimentaram, cuidaram e protegeram – comumente a mãe –, e a narcísica, que ocorre em “pessoas cujo desenvolvimento libidinal sofreu perturbação, como pervertidos e homossexuais, [...] que não escolhem seu posterior

¹⁰ O estágio pré-edípico vai do nascimento até os quatro anos de idade e compreende as três fases do desenvolvimento psicosssexual: a fase oral, a fase anal e a fase fálica. Nesse período, a criança está totalmente vinculada aos pais. Com a descoberta da fisiologia dos corpos dos genitores, inicia-se o complexo de Édipo.

¹¹ Segundo Vieira (2009), a psicanálise adotou os conceitos de atividade e passividade em concordância com os de masculino e feminino. No entanto, a partir da solidificação do feminismo nos anos 1930, Freud foi obrigado a rever suas formulações e acabou admitindo que as noções de masculino/feminino e ativo/passivo teriam base na cultura e não na anatomia.

objeto de amor segundo o modelo da mãe, mas conforme o de sua própria pessoa” (Freud, 2010a, p. 23).

A esse respeito, Freud já havia escrito numa nota de rodapé do texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*:

Até o momento a psicanálise não apresentou um esclarecimento completo da origem da inversão, mas desvelou o mecanismo psíquico de sua gênese e enriqueceu consideravelmente a colocação do problema. Em todos os casos investigados, constatamos que os futuros invertidos passam, nos primeiros anos da infância, por uma fase de intensa, mas breve fixação na mulher (geralmente a mãe), e, após superá-la, identificam-se com a mulher e tomam a si próprios como objeto sexual, ou seja, partindo do narcisismo, buscam homens jovens e semelhantes a si mesmos, que querem amar assim como a mãe os amou (Freud, 2016, p. 34).

Portanto, a psicanálise localiza a origem da homossexualidade em um amor heterossexual. A paixão e o apego pela mãe fazem o menino querer se transmutar em sua figura, ser seu simulacro, e amar um homem da mesma forma que ela o amou. Assim, o que faz um homossexual amar outro homem é a busca infinita pelo amor materno perdido.

Para Katz, J. (1996), a explicação da escolha narcísica fixa os homossexuais num estágio imaturo do desenvolvimento. Uma posição de inferioridade, menos evoluída, menos civilizada e mais próxima da “sexualidade natural perversa e polimorfa da criança”¹² não socializada e do selvagem primitivo (p. 81). Por meio dessa teoria, Freud posiciona de maneira tácita a heterossexualidade como modelo ideal.

No entanto, em diversos momentos de seus textos, notamos que Freud parece hesitar e não se mostra totalmente convencido de suas explicações. Por isso, podemos dizer que deixa o caráter de sua obra pendente e inconcluído:

Teríamos uma solução de simplicidade ideal se pudéssemos supor que a partir de certa idade vigora a atração heterossexual e impele a pequena mulher para o homem, enquanto a mesma lei permite ao garoto continuar com sua mãe. [...] Mas as coisas não devem ser tão fáceis para nós; mal sabemos se é possível acreditar seriamente naquele poder misterioso, recalcitrante à análise, que tanto entusiasma os poetas (Freud, 2010b, p. 272-273).

¹² “É instrutivo que a criança, sob a influência da sedução, possa se tornar polimorficamente perversa, ser induzida a todas as extensões possíveis. Isso mostra que ela é constitucionalmente apta para isso; a realização encontra poucas resistências, porque as barragens psíquicas para extensões sexuais – vergonha, nojo e moral – ainda não foram erguidas ou se acham em construção, segundo a idade da criança” (Freud, 2016, p. 97).

Apesar de não considerar a homossexualidade uma doença e atribuir os danos causados aos homossexuais ao preconceito e à repressão social, Freud não conseguiu de fato entender a homossexualidade. Nunca foi capaz de olhar para um homossexual sem o filtro da heterocentricidade. Às vezes, temos a impressão de que sequer tentou conhecê-lo a fundo. Mas essa atitude é previsível para um teórico que teve dificuldade em pensar para além do binarismo sexual, de um homem que, por mais moderno que tentasse ser, não foi capaz de livrar-se das amarras da burguesia do fim do século XIX.

Como bem colocou Vidal (1996), a respeito da psicanálise.

Os freudianos nunca conseguiram propor uma palavra adequada (em vez de uma híbrida greco-latina) para a heterossexualidade, porque os gregos não sabiam o que era isso. Sabiam sobre a reprodução, a luxúria e o amor. Sabiam sobre a intensidade do desejo sexual entre homens e homens, mulheres e mulheres, mas para eles, Lesbos era apenas uma ilha distante, próxima à costa da Ásia Menor, enquanto Safo era a sua poetisa digna do Prêmio Pulitzer. Infelizmente, como um burguês vienense do final do século XIX, Freud tinha ideias convincentes saídas do Antigo Testamento sobre o que era comportamento bom e inadequado. Também não era tolo (embora sob muitos aspectos fosse um homem perverso) e por isso aceitou a bissexualidade do comportamento humano. [...] A invenção da palavra heterossexualidade ocorreu nessa época (p. 9).

Se o alvo primordial da psicanálise era a pulsão e não a meta sexual, se o que Freud propôs foi a análise dos processos psíquicos e não a designação de objetos normais ou anormais, então percebemos um desencaminhamento ao longo desse processo por parte de seus seguidores, que deturparam suas ideias e ignoraram conceitos importantes que desafiavam os modelos mais conservadores. Esse desvio gerou sérias consequências para os homossexuais, dentro e fora do divã, e transcendeu o meio psicanalítico para chegar ao senso comum, servindo de justificção para juízos homofóbicos.

3.1.2 Alfred Adler (1870-1937)

Adler, um dos maiores antagonistas de Freud, também teve algo a dizer sobre a homossexualidade. Considerado o primeiro proponente da abordagem psicanalítica social, desenvolveu uma teoria em que o interesse social desempenhava o papel principal na vida de um indivíduo. Ele denominou seu sistema psicossocial de *psicologia individual*, porque

[...] acreditava na determinação do comportamento humano, principalmente por meio dos fatores sociais e não pelos instintos biológicos. Propôs o

conceito de interesse social definido como o potencial inato de cooperar com os indivíduos para atingir metas pessoais e sociais. O interesse social do indivíduo se desenvolve na infância, por meio das experiências aprendidas (Schultz e Schultz, 2021., p. 365).

Em meio a seus preceitos, Adler (2003) entende a homossexualidade como neurose. Para ele, os homossexuais demonstram pouco interesse social, alto grau de codependência, percepção hostilizada do mundo e distorção de identidade de gênero. Essa atitude teria início a partir da infância, quando as crianças com tendências homossexuais buscam emular o comportamento do sexo oposto, e essa conduta perpassa todo o desenvolvimento do indivíduo.

Os homossexuais de Adler demonstram falhas de caráter, são pessoas fracas, mesquinhas, incapazes de adaptação ao meio social. Ao mesmo tempo, demonstram sinais de força quando executam atividades físicas. Como em Freud, percebemos a influência da concepção sexual binária da época. Portanto, o homossexual masculino é uma mulher presa no corpo de um homem. Ele apresenta o vigor físico masculino e a sensibilidade feminina, ambição agressiva de homem e covardia de mulher. No limite, podemos dizer que, para Adler, o homossexual masculino combina o pior do homem com o pior da mulher, o que expressa ao afirmar:

Quando olhamos para além do ato homossexual, o que faz dos homossexuais contraventores da lei, ou o que os atormenta e restringe suas vidas, notamos que em suas outras atividades eles também não conseguem se adaptar às normas, o que é esperado de alguém que está à altura das exigências da vida [...]. Os sinais proeminentes que podem ser encontrados no caráter de muitos homossexuais, embora possam variar, são os seguintes: *frequente incapacidade de cooperar, ambição desordenada, extrema cautela ou covardia e alto grau de desconsideração pelo cumprimento das demandas sociais. Por outro lado, em áreas como esportes, guerra, aventura, etc., os homossexuais podem manifestar coragem e arrogância, principalmente quando são agressivos.* [...] A partir dessas descobertas universais, nos perguntamos como é possível que dois traços de caráter tão contrários possam ser encontrados em um mesmo indivíduo: uma ambição que nunca pode ser satisfeita e, ao mesmo, uma covardia que impede que tal ambição seja alcançada. Todo neurótico possui essas duas características, mas de forma mais amena (Adler, 2003, p. 116-117, tradução nossa).

O psicólogo austríaco também acredita que a origem da atração por pessoas do mesmo sexo encontra-se atrelada a um sentimento de fracasso e incapacidade de sucesso. Ele reduz toda a complexidade de uma vida a um suposto complexo de inferioridade. O homossexual, como as demais pessoas consideradas normais, também busca amor e adoração; mas por ser um equívoco da natureza, utiliza-se de técnicas passivas para o enfrentamento de seus problemas. Para Adler, exatamente por isso, está fatalmente fadado à infelicidade.

Por não serem procriadores, Adler considera os homossexuais isentos de função para a preservação da raça humana. O medo do sexo oposto e a recusa em fazer os sacrifícios exigidos pelo compromisso de um relacionamento seriam os catalisadores para todos os desvios do amor natural. Além disso, afirma que os membros da população LGBTQIAPN+ são importunadores sociais por não serem estáveis em seus trabalhos, pela incapacidade de cooperar com os demais, pela ambição desmedida e pela covardia excessiva. Assim, entende que o homossexual como aquele que

[...] tem características diferentes. Ele se desliga da vida social em diferentes estágios. Ele troca de emprego constantemente, costuma chegar atrasado ao trabalho e sair mais cedo. O andamento de sua vida funciona como se fosse controlado por um mecanismo de freio (Adler, 2003, p. 119, tradução nossa).

Por sua postura homofóbica e total incompreensão da homoafetividade, não causa surpresa que Adler fosse um defensor da terapia de conversão:

O homossexual é com frequência um neurótico apático. Ele geralmente carece de preparação psicológica para um relacionamento com o sexo oposto. Se ele for encorajado, poderá ser curado. [...] Essa preparação psicológica essencial só pode ser alcançada pela psicologia individual. Este problema resulta do fato de o indivíduo ter que treinar suas habilidades para lidar com o sexo oposto, coisa que os outros adquiriram e praticaram desde infância (*Ibid.*, p. 124, tradução nossa).

O tratamento da homossexualidade pela teoria adleriana ajudou a propagar ideias errôneas e preconceituosas contra a população LGBTQIAPN+. Poderíamos argumentar que, assim como em seus contemporâneos, esses conceitos são reflexos da época em que viveu. Mas indagamos: o papel de um psicólogo não é exatamente desconstruir estigmas e fazer análises isentas de juízos?

3.1.3 Carl Gustav Jung (1875-1961)

Jung (*apud* Hopcke, 1989) nunca apresentou uma teoria coerente para explicar a homossexualidade, mas escreveu sobre o assunto sob seu ponto de vista clínico em diversas ocasiões. Em sua obra, o tema é mencionado pouco mais que uma dezena de vezes, e em todos os casos o enfoque homossexual é apenas secundário. Seguindo a concepção freudiana, nunca entendeu a homossexualidade como doença e afirmou que concebê-la “como uma perversão patológica é extremamente questionável” (Jung, 2016, p. 107). No entanto, tampouco conseguiu superar o paradigma sexual de seu tempo.

Podemos decompor suas ideias sobre o assunto em três períodos distintos de sua carreira, nos quais as “referências relativamente escassas de Jung à homossexualidade permitem que se percorra de forma cuidadosa e cronológica o que ele chegou a escrever a respeito” (Hopcke, 1989, p. 25). Em primeiro lugar, temos seus textos mais antigos, de 1908 a 1920, fase em que ainda estava fortemente influenciado pela psicanálise de Freud; depois, de 1920 a 1927, quando passa a desenvolver suas próprias ideias a respeito do funcionamento da psique e, conseqüentemente, consolida sua psicologia analítica; e, por fim, entre 1936 e 1950, em seu pensamento maduro.

Na primeira fase, sob influência direta da psicanálise, Jung (2014) associa a homossexualidade à imaturidade psicológica, posicionando-a não muito distante de Freud. Para ele, trata-se de uma condição adquirida, de uma resposta psíquica a um relacionamento perturbado e condicionado pelo sexo oposto, normalmente motivado por alguma situação de frustração. Assim como Freud, é difícil para ele conceber a existência da homoafetividade.

Em sua segunda fase, iniciada a partir de 1921 com a obra *Tipos psicológicos*, Jung elabora a mais conhecida face de sua psicologia analítica. Nesse período, explica a homossexualidade a partir de alguns conceitos que criou e que curiosamente reforçam que somos todos uma mistura de ambos os sexos. Essa ideia à primeira vista parece inovadora e livre de preconceções. No entanto, Jung cai na armadilha da estereotipia ao se referir às características da masculinidade (racionalidade, ética) e feminilidade (sensibilidade, instabilidade) como se fossem inatas ou naturais, e não forjadas pela cultura. Como mandava a tradição da época, as noções atribuídas ao universo do feminino tendem a descrever aspectos negativos da personalidade.

Na fase mais madura, Jung segue persistindo na tipificação dos papéis de gênero e explica que a homossexualidade é consequência de uma relação problemática com a mãe, denominada de “complexo materno”¹³. Ele afirma que a homossexualidade, atrelada ao complexo materno, consiste em um aspecto negativo da personalidade; em contrapartida, ela “também tem efeitos positivos”. Dentre eles, a capacidade de manter relações de afeto com outros homens e a fácil socialização e

¹³ O complexo materno reúne ideias e sentimentos associados à experiência e à imagem da mãe, sendo constituído, primeiramente, pelo convívio com a genitora e, em seguida, pelo contato com outras mulheres. Ele pode ser positivo ou negativo, e a homossexualidade se encaixa neste último caso.

amizade com o sexo oposto (como se isso fosse incongruente a um homem heterossexual). Além disso, por possuir qualidades femininas, ele apresenta refinado senso estético e espiritual. Essa concepção junguiana idealiza o homossexual masculino como um homem de alma feminina.

Por fim, Jung deixa evidente qual é a função que atribui à homossexualidade na sociedade. Em uma carta escrita para Freud, em 20 de fevereiro de 1910, diz:

A remoção do estigma moral da homossexualidade como método contraceptivo é uma causa a ser promovida com a máxima energia. Temos aqui um novo caminho para percorrer na história da cultura e nos métodos anticoncepcionais na etnologia: mosteiros, autocastração (ritos de castração entre os aborígenes australianos). A homossexualidade seria uma tremenda vantagem, uma vez que muitos homens inferiores, que de forma razoável gostariam de permanecer no nível homossexual, hoje são forçados a se casar (Jung, 2020, p. 296-297, tradução nossa).

3.1.4 Wilhelm Reich (1897-1957)

Reich também foi discípulo de Freud, mas ao contrário deste, identificou na repressão sexual a origem da neurose. Para o “maior dissidente da segunda geração freudiana” (Roudinesco e Plon, 1998, p. 650), essa repressão não se manifesta apenas no plano psíquico, mas também no físico. De acordo com Oliveira (2014), Reich não admite o dualismo mente-corpo. Dessa maneira, um corpo doente pode ser a fonte de adoecimento para a mente, assim como uma mente perturbada tem um grande impacto nas contrações musculares.

Para Reich, a heterossexualidade era o caminho natural da humanidade e a forma superior, a única realmente aceitável, do desenvolvimento sexual. Dessa forma, considerava os homossexuais incompletos, não plenamente desenvolvidos, além de atribuir a eles, de uma maneira geral, uma postura masoquista e passiva frente à vida.

A questão homossexual encontra-se fragmentada pela obra de Reich, exceto em *O combate sexual da juventude*, publicado em 1932, onde há um capítulo inteiro dedicado ao assunto. Para ele, a gênese da homossexualidade encontra-se ainda na infância:

há muitos homens cuja constituição física e psíquica corresponde completamente aos seus órgãos sexuais e que desejam jovens de aspecto efeminado perante os quais se comportam como homem perante mulher; e há mulheres que são completamente femininas e que se comportam, perante mulheres mais vigorosas, de aspecto mais viril, como uma mulher perante um homem. Estas pessoas não se tornaram homossexuais por causas corporais,

mas devido a um problema sexual defeituoso na sua primeira infância, a qual comportou muito cedo grande experiência de decepção em relação ao outro sexo (Reich, 1978, p. 107).

Reich também afirma que a satisfação do prazer heterossexual é mais intensa que a homossexual, sem detalhar qual é a fonte dessa informação. De certa forma, o que ele faz é tentar justificar sua homofobia não a partir de uma moralidade, mas de uma questão de economia libidinal:

é preciso salvaguardar os jovens de se virarem definitivamente para o homossexualismo (*sic*), não por causas morais, mas de pura economia sexual, porque, com efeito, pode verificar-se que a satisfação sexual média no heterossexual são é mais intensa do que a satisfação no homossexual são, o que tem grande significado para a regularização da economia psíquica (*Ibid.*, p. 108).

Ao longo do texto, traz um outro elemento para discussão: a terapia de conversão dos homossexuais. Assim,

Aos numerosos homossexuais que afirmam representar uma espécie sexual particular e não um desenvolvimento sexual defeituoso, devemos opor o seguinte argumento decisivo: todo o homossexual pode deixar de o ser seguindo um tratamento psíquico bem determinado [...]. Se a homossexualidade é recente e não foram recalçadas completamente as relações heterossexuais e, além disso, o indivíduo em questão não suporta muito bem esse estado e quer desfazer-se dele, pode em princípio ser curada por um tratamento psicanalítico que faz virar este desvio infantil do desenvolvimento sexual (*Ibid.*, p. 108).

Dessa forma, assume que trata-se de uma condição patológica perfeitamente corrigível e, até mesmo evitável, ao propor que:

[...] o homossexualismo (*sic*), e é o que concluímos provisoriamente dos fatos, é [...] um fenômeno puramente social, uma questão de educação e de desenvolvimento sexual. O melhor meio de o impedir é a coeducação dos sexos no momento desejado (*Ibid.*, p. 109).

Logo, considera que a homossexualidade se apresenta dentro de um contexto neurótico, ligado à angústia e à impotência orgástica. Consequentemente, deve ser curada. Reich entende que ela deve ser tratada de um ponto de vista neutro e objetivo, do tipo médico. Contradizendo-se, acredita paralelamente que no plano da higiene social ou da “neurose de massa” a homossexualidade é produto da miséria e da frustração sexual, consequência de repressão moral.

O preconceito encontrado na teoria reichiana também foi danoso à população LGBTQIAPN+. As atribuições de inferioridade, limitação, desqualificação moral, a própria proposição de terapia de conversão, tudo isso foi disseminado socialmente

sob a carapuça de cientificidade. No caso de Reich, trata-se de um imenso paradoxo, pois, como escreveu:

A energia sexual é a energia biológica construtora do aparelho psíquico que constitui a estrutura sensorial e de pensamento humana. "Sexualidade" (fisiologicamente, função do vago) é simplesmente a energia vital produtiva. Sua repressão significa, não somente no campo médico, mas de forma ampla e geral, perturbação das funções vitais fundamentais; a expressão socialmente mais importante desse fato é a ação ineficaz (irracional) do homem, sua loucura, seu misticismo, sua disposição para a guerra etc. A política social deve, portanto, partir da pergunta: Por que motivo se reprime a vida amorosa humana? (Reich, 1978, p. 13).

Reich, que tanto criticou as práticas autoritárias e repressivas de instituições como a Igreja, a escola e a família por serem promotoras da ideologia burguesa e compromissadas com o Estado, tornou-se ele mesmo uma voz repressora pela maneira com a qual tratou os homossexuais.

3.1.5 Melanie Klein (1882-1960)

Refazendo os passos de Freud, Klein desenvolveu sua teoria a partir do trabalho com crianças, e apontou as raízes primitivas do complexo de Édipo. Mas, ao contrário de seu mestre, que nunca patologizou diretamente a homossexualidade, a psicanalista situou-a junto a transtornos como perturbações neuróticas, psicose e desenvolvimento anormal do caráter.

Para Klein (1981), a "posição homossexual" baseia-se numa dinâmica de ódio que tem origem nas ansiedades excessivas da primeira infância:

Esses mecanismos, que são dominantes nos casos de caráter paranoico, participam, se bem que em grau menor, de todas as atividades homossexuais. O ato sexual entre homens sempre serve, em parte, para gratificar impulsos sádicos e confirmar o sentimento de onipotência destrutiva. Por trás da relação libidinal positiva com o objeto de amor ocultam-se, em maior ou menor grau, segundo o montante de sadismo presente, não apenas o ódio ao pênis do pai, mas também impulsos destrutivos contra o parceiro sexual e o medo que eles geram contra este último (p. 333-334).

Segundo Bulamah (2020), a psicanalista situa a gênese da homossexualidade ao lado de malogros como supereu¹⁴ malformado, má capacidade de sublimação¹⁵, percepção da realidade e relações objetais prejudicadas, ou seja, fora do desenvolvimento considerado normal. Com base nas ideias de Klein, explica:

a raiz da aquisição da “posição homossexual” – ou, melhor dizendo, do fracasso da aquisição de uma “posição heterossexual” – é uma falha basal que compromete o amadurecimento do indivíduo como um todo, em grande parte das competências psíquicas e somáticas caras aos teorizadores (*Ibid.*, p. 99).

Em sua obra *Psicanálise da criança*, lançado em 1932, Klein cita vários casos clínicos de homossexualidade em meninos e meninas. Em todos eles, o objetivo principal da psicanálise é eliminar essa condição e reestabelecer a posição heterossexual. Ou seja, mesmo que indiretamente, ela propõe a terapia de conversão. Para Klein, portanto, o homossexual deve abandonar essa condição e adotar a posição heterossexual, mesmo que para isso sejam necessários anos de terapia. A conversão permitirá que ele se desvencilhe de todo sofrimento que carrega.

3.1.6 Erich Fromm (1900-1980)

Fromm desenvolveu seus estudos a partir de temas importantes da experiência humana, com ênfase nos aspectos sociais do homem. Ao lado de figuras como Max Horkheimer, Theodor Adorno, Friederich Pollock e Herbert Marcuse, integrou a Escola de Frankfurt, um instituto de pesquisas sociais fortemente influenciado por ideias marxistas que promovia discussões acerca do capitalismo e suas implicações.

Ao longo de seu trabalho, criticou diversos conceitos freudianos, sendo um deles a diferença sexual. Para Fromm (1965), Freud foi influenciado pelos filósofos românticos ao atribuir as distinções de caráter “inalteráveis” do homem e da mulher às suas diferenças anatômicas. Ao contrário do austríaco, ele entende que parte

¹⁴ Na concepção freudiana, o supereu assume a função dos pais de vigiar, julgar e punir, e é considerado herdeiro do complexo de Édipo. Trata-se de uma instância moral e, por vezes, hipermoral, devido à intransigência e à crueldade de suas exigências (Pena, Moreira e Guerra, 2020).

¹⁵ Para Freud, a sublimação é o mais evoluído de todos os mecanismos de defesa. Ela permite que canalizemos nossos desejos pulsionais sexuais para outros objetos e é a fonte da criatividade humana. Assim, descarregamos nossa energia acumulada em outras áreas, reduzindo nosso sofrimento psíquico.

dessas desigualdades podem ser atribuídas à biologia, mas que os fatores culturais e sociais são mais decisivos.

Indubitavelmente, seu maior êxito foi a obra *A arte de amar*, publicada em 1956. Nela, o autor discorre sobre o amor e suas diversas formas: o amor fraterno, o amor materno, o amor erótico e o amor a si mesmo, entre outros. Assumindo a postura de um especialista, Fromm (2015) explica que o amor é uma arte e se dispõe a ensiná-la a nós, leigos.

No que tange ao amor homossexual, de acordo com o filósofo,

A polaridade masculino-feminino [...] é a base de toda criatividade pessoal. Isso é óbvio do ponto de vista biológico, na medida em que a união do esperma com o óvulo é a base do nascimento da criança. Mas no domínio puramente psíquico não é diferente; no amor entre homem e mulher, cada um dos dois renasce. (O desvio do homossexual é um fracasso em atingir essa união polarizada, por isso o homossexual sofre da dor da separação nunca resolvida; um fracasso, porém, que ele compartilha com o heterossexual comum, que não consegue amar) (*Ibid.*, p. 42).

Fromm considera, portanto, a homossexualidade como um desvio, como percebemos na passagem acima. Ele refuta qualquer possibilidade de amor legítimo entre pessoas do mesmo sexo e afirma que o homossexual vive em condição de sofrimento. Para ele, a criatividade humana, propriamente responsável pelo desabrochar do amor, se dá no binarismo masculino-feminino. Dessa forma, o amor entre iguais inexistente e o homossexual corresponde ao “heterossexual comum, que não consegue amar” por alguma neurose ou falha no desenvolvimento psíquico.

Fromm (1992) também faz uma distinção ao que chama de “sexualidade erótica” e “sexualidade não-erótica”. A primeira está restrita à polaridade macho-fêmea; é a sexualidade considerada ideal, natural, inspiração para o desenvolvimento sadio do mundo. A segunda se baseia apenas num “desejo de distensão física e proximidade corporal” (*Ibid.*, p. 93) e é consequência de uma sexualidade infantil ou imatura.

O autor explica que “a sociedade deve ser organizada de maneira que a natureza social e amante do homem não seja separada de sua existência social, mas se torne uma só coisa com ele” (Fromm, 2015, p. 164-165). O psicólogo considera o amor um fenômeno social e não se atém simplesmente ao seu âmbito individual. Mais do que isso, esses termos estão interrelacionados. Seguindo esse raciocínio, o homossexual, que no limite é incapaz de amar genuinamente, também está

impossibilitado de contribuir para o bem-estar da sociedade. Assim, se “é verdade que o amor é a única maneira sadia e satisfatória de responder o problema da existência humana” (Fromm, 2015, p. 165), o homossexual jamais chegará à completude existencial. Por ser uma criatura doente e incompleta, está condenado à solidão.

3.1.7 Jacques Lacan (1901-1981)

Lacan desconstrói a conceituação teleológica da sexualidade e as etapas da libido que culminam na genitalidade madura e heterossexual. Ele desloca o sentido do indivíduo freudiano (do eu, do ego, do self etc.), para sujeito da linguagem e, assim, indica que nossa vida acontece no plano da artificialidade, da cultura, sem qualquer possibilidade de uma harmonia “natural” (Reitter, 2021).

Apesar de suas críticas à biologização da psicanálise, Lacan não conseguiu escapar dos mecanismos de regulação da heterossexualidade. Todo o universo falocêntrico¹⁶ criado por Freud segue firme e forte no lacanismo, mesmo que implicitamente, por meio do simbolismo:

os lacanianos concordam que a nossa cultura é falocêntrica, mas consideram que isso é um fato estrutural da linguagem que não precisa ter relação com a opressão das mulheres pelos homens. Para os lacanianos, o falocentrismo não é o mesmo que o androcentrismo, porque o falo não é um pênis. Os homens não têm a posse do falo mais do que as mulheres (Reitter, 2021, p. 280).

Apesar do falo ser apenas uma representação simbólica do membro sexual masculino, tem um papel crucial para a perpetuação da diferença sexual anatômica que, assim como em Freud, ainda ocupa um papel fundamental em nosso desenvolvimento. Tudo gira em torno do complexo de Édipo e da castração.

Lacan (*apud* Maya, 2007), concebe um Édipo estrutural, centrado no pai como uma metáfora, que opera a castração simbólica. A partir da identificação do sujeito com o significante paterno, ele será conduzido a uma simbolização de seu sexo, ou

¹⁶ O falo na psicanálise de Lacan não é sinônimo de pênis, mas designa esse órgão no sentido simbólico. Ele expressa o desejo, a falta e a busca constante pela completude, desempenhando um papel central na estrutura do inconsciente e na construção da identidade sexual. Enquanto para os homens o falo é um objeto de posse e poder, para as mulheres ele representa a falta e a castração. Essas percepções distintas do falo influenciam diretamente na forma como homens e mulheres se relacionam com o desejo e a sexualidade (Cossi, 2024).

seja, o menino a ter o falo (virilidade) e a menina a se reconhecer privada do mesmo (feminilidade). Mesmo operando a partir de uma esfera simbólica, ainda existe uma representação psíquica da diferença sexual. Dessa forma, Lacan segue normalizando a heterossexualização do desejo em oposição à homossexualidade, que conseqüentemente é um desvio.

Para Cruxên (2012), as considerações de Lacan a respeito da homossexualidade são por vezes desdenhosas, como no Livro VIII de seus seminários, quando a situa como uma perversão, mas também podem aparecer com maior flexibilidade e rigor teórico, como Livro V. Do primeiro caso, temos dois exemplos bastante preconceituosos. Numa primeira situação evidencia:

Isso não impede que o amor grego permaneça uma perversão, por maior sublimação que seja. Nenhum ponto de vista culturalista prevalece aqui. Que não nos venham dizer, a pretexto de que essa era uma perversão aceita, aprovada, até mesmo festejada, que não fosse uma perversão. A homossexualidade não deixava de ser o que é, uma perversão (Lacan, 2010, p. 46).

Num outro excerto, ao fazer um comentário a respeito de *O Banquete*, de Platão, segue com sua depreciação:

afinal de contas este banquete, tomado em seu aspecto exterior, por alguém que nele penetre inadvertidamente, pelo camponês que sai de seu pequeno rincão nos arredores de Atenas, representa, convenhamos, uma espécie de assembleia de tias, como se diz, uma reunião de bichas velhas (*Ibid.*, p. 58).

Para Lacan (1999), a homossexualidade pode ser curada, já que a psicanálise tem as ferramentas para situar e entender sua gênese, mas ao invés da cura, opta-se apenas por tratar os homossexuais.

3.2 A invenção da homossexualidade

É importante entendermos como se formou o discurso regulador da sexualidade em nossa sociedade, especialmente a ideia que condena a homossexualidade. Como explica Ariès (1985), o aparecimento da moral sexual no Ocidente moderno foi fruto de uma concepção filosófica desenvolvida principalmente a partir do cristianismo, na qual o termo *sodomia*¹⁷ passou a ser utilizado de maneira

¹⁷ Apesar de comumente atribuído ao sexo, a leitura dos capítulos 18 e 19 de Gênesis não deixa claro qual é o pecado de Sodoma. O texto hebraico diz apenas que a transgressão dos habitantes dessa cidade se agravou muito. As discussões sobre o tema divergem: alguns estudiosos dizem que o pecado se refere à violação dos cânones normais da hospitalidade, outros dizem ser sinônimo de orgulho, e

condenatória. Sendo a heterossexualidade a estrutura social vigente, foi estabelecido um dogma tão poderoso que tornou a maioria das pessoas incapazes de pensar em formas alternativas para os sexos e em outras possibilidades de afeto e erotismo (Katz, J., 1996). Isso inevitavelmente infectou o pensamento científico, dentre os quais, a medicina e a psicologia.

Enquanto conceito, a homossexualidade é uma invenção histórica surgida no século XIX, com o objetivo de psicologizar as condutas sexuais e patologizar seus desvios. Antes dela, existia a sodomia, considerada crime de acordo com o código religioso e jurídico (Ayouch, 2015). Devidamente estabelecida a partir de sua diferença com a heterossexualidade, única prática considerada normal e admitida, a homossexualidade passou a constar no vasto rol das pecaminosas perversidades da esfera médico-científica. “Passou-se da repressão pela lei à dominação pelo discurso da ciência, pelas suas nosografias, classificações e explicitações” (*Ibid.*, p. 49).

De acordo com Ellis (2013), a psiquiatria foi a primeira ciência a buscar uma explicação para a homossexualidade, posicionando-a juntos às anormalidades. Os primeiros médicos atribuíam a ela uma alteração orgânica, e uma das explicações mais aceitas, posteriormente reestruturada por Freud, se baseava na dicotomia entre os sexos, mais especificamente numa espécie de hermafroditismo inato:

Teremos que admitir que, tal como defendido pelos fisiologistas de sexo mais modernos como Castle, Heape e Marshall, cada sexo contém em si as características latentes do outro sexo, o sexo recessivo. Cada sexo está latente no outro e cada um, porque contém as características de ambos (e porque também pode transmitir para gerações futuras as características do sexo recessivo) é hermafrodita latente. A tendência homossexual poderá ser simplesmente uma manifestação física das características específicas do sexo recessivo, que poderá surgir quando há alterações de circunstâncias, tal como na puberdade ou noutras em que existam alterações do metabolismo (*Ibid.*, p. 101).

Hocquenghem (1993) defende que a criação da categoria *homossexual* foi uma fabricação médica com fins repressores, em que um conceito abstrato relacionado ao desejo foi cooptado pela psiquiatria para classificar o inclassificável, e assim criar uma nova forma de patologia.

Na década de 1870, os psiquiatras fizeram da homossexualidade um objeto de análise médica, tendo como ponto de partida uma série de intervenções e novos meios

alguns identificam o pecado com a homossexualidade, ideia que foi adotada pelo imaginário popular. Tudo depende da maneira como a leitura do texto é influenciada pelas ideologias de seu intérprete (Carvalho, 2022).

de controles (Foucault, 2022). A partir daí, os homossexuais passaram a ser internados nos asilos e tornaram-se alvo de uma possível cura. Se antes eles eram percebidos como libertinos, às vezes como delinquentes, a partir de então foram percebidos como doentes do instinto sexual.

Nesse período, a psiquiatria deixa de ser uma técnica ou um saber a respeito da doença para analisar comportamentos. Passa a adotar medidas subjetivas para estipular os conceitos de normalidade:

O que ela assume agora é o comportamento, são seus desvios, suas anomalias; ela toma sua referência num desenvolvimento normativo. Não é mais, pois, fundamentalmente, da doença, ou das doenças que ela se ocupa; é uma medicina que passa pura e simplesmente por cima do patológico. [...] trata-se para ela de preservar seu estatuto de medicina, já que é o estatuto de medicina que detém (pelo menos em parte) os efeitos de poder que ela tenta generalizar. Mas ela aplica esses efeitos de poder, e esse estatuto de medicina que é seu princípio, a algo que, em seu próprio discurso, não tem mais estatuto de doença, mas estatuto de anomalia (Foucault, 2010a, p. 270).

Ao deixar o âmbito do fisiológico para adentrar no campo do psicológico e comportamental, a homossexualidade passa a ser discutida com mais rigor e vira tema de diversos estudos.

De um discurso oral, a condenação homossexual eventualmente passou para a sua oficialização nos manuais de transtornos mentais, que são os principais instrumentos utilizados para os psicodiagnósticos. Os dois principais são a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID), publicada pela Organização Mundial da Saúde – OMS, e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), publicado pela Associação Americana de Psiquiatria – APA¹⁸.

Além de taxar os homossexuais de doentes, causando exclusão e preconceito social, essa classificação tinha efeitos práticos imediatos, como, por exemplo, a proibição de imigrantes e visitantes estrangeiros de entrarem ou permanecerem em determinados países, visto que, ao assumirem plenamente a condição de homossexuais, estavam contrariando as leis vigentes que impediam que portadores de transtornos mentais fossem admitidos.

¹⁸ A CID detalha definições de doenças e transtornos de todos os campos da saúde, sendo uma referência para médicos em todo o mundo. Já o DSM foi criado para padronizar os critérios diagnósticos das desordens que afetam a mente e as emoções, e é utilizado primordialmente pela psiquiatria.

A forte pressão de grupos LGBTQIAPN+ pela igualdade de direitos humanos e a participação ativa de profissionais da área da saúde, principalmente nos anos 1980, fez com que a OMS retirasse a homossexualidade da CID, em 17 de maio de 1990.

3.3 Psicologia: a ciência em questão

Como evidenciaram nossas análises prévias, a psicologia contribuiu de forma negativa para a aceitação social da homossexualidade. Apesar de suas boas intenções, Freud não obteve sucesso em sua tentativa de despatologizá-la; Klein e Reich, por sua vez, demonizaram os homossexuais como verdadeiros inquisidores. De forma esquemática, podemos dizer que as ideias disseminadas pelos psicólogos ajudaram no fomento da homofobia em nossa sociedade. Mas exatamente como e por que a psicologia teve toda essa influência? De que maneira ela se tornou um saber socialmente relevante? Antes de tudo, é necessário entender sua constituição e os entraves e polêmicas que dela fizeram parte.

A maior parte dos historiadores defende que o marco institucional da psicologia foi estabelecido no século XIX, com a criação do laboratório experimental de Wilhelm Wundt na Universidade de Leipzig. Portanto, podemos dizer que 1879 foi o ano em que ela surgiu como uma disciplina acadêmica independente. Até então, estava estreitamente vinculada à filosofia, mas passou a ser vista como um saber puramente especulativo com a ascensão da ciência como a fonte absoluta da verdade.

A consolidação da psicologia como uma disciplina subsistente está inserida no contexto ideológico iniciado no século XVIII. Foucault (2010b) explica que este foi o século no qual os saberes foram disciplinados, pois antes se encontravam fragmentados. Cada saber foi internamente organizado como uma disciplina independente, tendo em seu campo próprio os critérios de seleção que permitem descartar ideias errôneas. Por outro lado, houve um escalonamento desses saberes numa espécie de campo global ou disciplina global que foi a ciência em si.

Nesse cenário, era necessário que a psicologia adotasse os métodos das ciências positivas¹⁹ para que recebesse a devida legitimação que tanto buscava. De

¹⁹ Positivismo é uma perspectiva filosófica que defende o uso dos métodos e princípios das ciências naturais sobre os problemas e questões humanas. O termo foi criado por Augusto Comte, que almejava

acordo com Silva, M. (2021), isso consistia em atender as exigências colocadas por Kant, de que deveria delimitar seu objeto, desenvolver um método próprio e ser capaz de traduzir em linguagem matemática ou positiva os movimentos do fenômeno escolhido.

A seguir, teria de cumprir também os requisitos de Comte: não admitir ligação do seu projeto científico com modelos de inteligibilidade “metafísicos”, característicos da filosofia, ou admitir explicações psicológicas baseadas em “causas finais”, pois estas são inacessíveis ao método da observação externa e não verificáveis experimentalmente.

Entretanto, apesar de sua pretensão de universalidade, que é o que precisamente caracteriza uma ciência natural, a psicologia já nasceu em meio à pluralidade. Para Abib (2009), o surgimento de várias psicologias científicas não foi capaz de lhes conferir uma unidade e o que se viu foi uma notável proliferação de diversas psicologias com bases epistemológicas distintas.

Da perspectiva da epistemologia unitária, conclui-se que, por não alcançar unidade, a psicologia não se constitui como ciência e, conseqüentemente, que não se pode fazer, quer epistemologia²⁰ da ciência psicológica, quer história da ciência psicológica. Sob esse ponto de vista, a história da psicologia não pertence ao gênero história da ciência (*Ibid.*, p. 199).

A não consolidação da psicologia como uma ciência natural a colocou no domínio das ciências humanas. Ainda assim, os psicólogos lutaram para que ela adquirisse credibilidade com base em fatos e comportamentos observáveis e não em experiências subjetivas, sensações e sentidos. A psicologia tentava equilibrar-se entre esses dois mundos, como explica Foucault (2022):

Toda a história da psicologia até meados do século XX é a história paradoxal das contradições entre esse projeto e esses postulados: ao perseguir o ideal de rigor e de exatidão das ciências da natureza, ela foi levada a renunciar aos seus postulados; ela foi conduzida por uma preocupação de fidelidade objetiva em reconhecer na realidade humana outra coisa que não um setor da objetividade natural, e em utilizar para reconhecê-lo outros métodos diferentes daqueles de que as ciências da natureza poderiam lhe dar o

uma sociedade organizada de maneira sistemática e racional, com domínio absoluto sobre a natureza e capaz de antecipar e controlar os comportamentos do homem.

²⁰ Epistemologia é a reflexão sobre a produção de conhecimentos científicos que tem por objetivo avaliar a ciência do ponto de vista de sua cientificidade. Ela é um instrumento filosófico de esclarecimento do conhecimento que tem como norma a própria racionalidade científica em seu mais alto grau de elaboração. Essa análise dos problemas epistemológicos é sempre feita pelo viés da investigação histórica. Para a epistemologia, somente a ciência pode definir verdade, conhecimento e razão

modelo. Mas o projeto de rigorosa exatidão que a levou, pouco a pouco, a abandonar seus postulados tornou-se vazio de sentido quando esses mesmos postulados desapareceram: a ideia de uma precisão objetiva e quase matemática no domínio das ciências humanas não é mais conveniente se o próprio homem não é mais da ordem da natureza. Portanto, é uma renovação total que a psicologia obrigou a si própria no curso de sua história: ao descobrir um novo status do homem, ela se impôs, como ciência, um novo estilo (p. 133-134).

Desde sua consolidação como uma disciplina independente, a psicologia não foi capaz de adotar uma posição de neutralidade. Ela se desenvolveu tendo como norte um princípio normalizador, muitas vezes ideológico, com fins de controlar possíveis desvios de comportamento com base em critérios econômicos, sociais e políticos. Nesse aspecto, sempre andou de braços dados com a psiquiatria. Destarte, é ilusório tomarmos a psicologia como uma disciplina autônoma, isenta de valores e independente de seu horizonte hermenêutico.

Foucault reconstituiu a história da normalidade em nossa sociedade e, conseqüentemente, de tudo o que foi excluído por ela. Ele questionou as bases de validação da epistemologia, possibilitou um entendimento dos objetos a partir de sua formação discursiva e das relações de tensão geradas pelos saberes com os discursos e com os sujeitos que deles participam.

Dessa maneira, a análise foucaultiana radicalizou o entendimento de poder (ou relações de poder, como se referia) e buscou identificar as condições a partir das quais nossas formas de conhecimento e moralidade foram formadas. Ele desenvolveu um importante aparato teórico que nos ajuda a pensar nos aspectos problemáticos da sociedade contemporânea, dentre os quais, a psicologia.

3.4 A produção da sexualidade segundo a concepção foucaultiana

Para Foucault, a psicologia está imbricada com poder: eles se constituem e se complementam. A psicologia é uma forma de poder e, enquanto tal, está necessariamente atrelada a um saber específico, sempre produzido por uma prática discursiva constitutiva. A psicologia caminha lado a lado a um modelo político, econômico e cultural que estrutura a sociedade de uma determinada forma e objetiva a produção dos corpos dóceis. Mais do que um instrumento de normalização, ela é a própria estrutura normalizante.

O poder não é um princípio autoexplicativo, mas designa um domínio de relações que tomou novas formas a partir da Era Moderna ocidental. Trata-se de uma rede de relações inconstantes entre indivíduos, grupos, instituições e estruturas que envolvem aspectos sociais, políticos, econômicos e até mesmo pessoais (Taylor, D., 2018). Portanto, temos que considerar o poder como algo que se exerce, não como algo que se possui. Ele não está especificamente localizado em uma instituição ou em uma pessoa, mas é imanente às relações sociais.

Com base nesses conceitos, ao invés de simplesmente nos referirmos a “o poder”, faz mais sentido falarmos em “relações de poder”, onipresentes e espalhadas por toda a sociedade, produzidas desde as formas mais simples, como as interações interpessoais, às mais complexas, como as leis e as estruturas jurídicas. Mas para ser exercido, ele conta com algumas estratégias. Foucault desenvolveu dois conceitos importantes para defini-las: poder disciplinar e biopoder. Ambos agem diretamente no controle da vida, mas podemos dizer, bem esquematicamente, que o primeiro tem foco no indivíduo e o segundo faz a gestão populacional.

O biopoder é um poder sobre o bios ou a vida, e as vidas podem ser administradas tanto na esfera individual quanto na de grupo. Enquanto as instituições disciplinares, tais como escolas, oficinas, prisões e hospitais psiquiátricos, visam os corpos individuais à medida em que esses se desviam das normas, em outro nível o Estado está preocupado em conhecer e administrar as normas da população como um todo e, portanto, em entender e regular “os problemas de natalidade, de longevidade, de saúde pública, da habitação e da imigração” (Taylor, C., 2018, p. 62).

Portanto, o poder disciplinar diz respeito aos indivíduos. “A disciplina é uma técnica de exercício de poder que foi, não inteiramente inventada, mas elaborada em seus princípios fundamentais durante o século XVIII” (Foucault, 2022, p. 179), e conta com três instrumentos para o adiestramento dos sujeitos: a vigilância hierárquica, a sanção normalizadora e o exame. A execução dessas técnicas de controle disseminou-se por instituições como escolas, hospitais e exército.

No entanto, ao mesmo tempo em que o indivíduo é uma construção do poder disciplinar, ou seja, seu objeto, é também seu objetivo e instrumento, o meio para que esse poder seja consolidado e disseminado. Segundo Foucault (2010b), são os efeitos do poder que fazem com que os corpos, os gestos, os discursos e os desejos sejam

constituintes dos indivíduos. “O indivíduo é um efeito do poder e é, ao mesmo tempo, na mesma medida em que é um efeito seu, seu intermediário: o poder transita pelo indivíduo que ele constituiu” (*Ibid.*, p. 26).

Como destaca Hoffman (2018), o poder disciplinar produz tais efeitos elegendo o corpo como alvo. O corpo dos indivíduos é tomado como um mecanismo de dominação, de controle e de submissão; ele deve ser dócil, útil e passar por um processo de normalização de condutas. Ele deve estar disposto dentro de uma estratégia de poder que determina e direciona seus impulsos, vontades, sensações e sentimentos.

Por sua vez, a principal característica do biopoder é o deslocamento do foco do sujeito para a noção de população. Ele trata da gestão de técnicas de controle populacional através de questões estatísticas, de cálculo de risco e enfrentamentos territoriais. A partir do estabelecimento de previsibilidade, o controle se exerce através de gerenciamentos previdenciários, políticas públicas, questões sanitárias e da medicalização social (Silva, L., 2006).

A técnica do biopoder se dirige não ao homem-corpo, como faz o poder disciplinar, “mas ao homem vivo, ao homem ser vivo: no limite [...] ao homem-espécie” (Foucault, 2010b, p. 204). Ela toma a biologia como norte, analisa os indivíduos através de números, agrupa-os em dados estatísticos. Quem está fora do padrão de normalidade é considerado improdutivo, descartável e sofre as sanções impostas pela política da maioria estatística. É o poder que controla a população, ele pode fazer viver e deixar morrer.

Entretanto, para que as relações de poder se propaguem e atinjam suas metas, dependem de ferramentas como a prática discursiva e a produção de uma determinada verdade. Foucault (2010b) explica que múltiplas relações de poder perpassam e constituem o corpo social, mas elas não podem funcionar ou estabelecer-se sem uma acumulação e um funcionamento do discurso verdadeiro: “Somos submetidos pelo poder à produção de verdade e só podemos exercer poder mediante a produção de verdade” (*Ibid.*, p. 22). Por sua vez, a produção de verdades deve estar articulada com saberes:

Temos antes que admitir que o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem

constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. Essas relações de “poder-saber” não devem então ser analisadas a partir de um sujeito do conhecimento que seria ou não livre em redação ao sistema do poder; mas é preciso considerar ao contrário que o sujeito que conhece, os objetos a conhecer e as modalidades de conhecimentos são outros tantos efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e de suas transformações históricas. Resumindo, não é a atividade do sujeito de conhecimento que produziria um saber, útil ou arredo ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento (*Id.*, 2014b, p. 31).

Nessa perspectiva, saber não é sinônimo de conhecimento. O saber visa a ordenação da sociedade e a disciplinarização dos corpos através de um discurso de racionalidade, que separa o científico do senso comum e o normal do anormal. O conteúdo produzido por esse saber é acatado pelos indivíduos como uma verdade, e passa a orientar as práticas políticas e sociais. Trata-se de uma prática discursiva fundamental para a constituição de uma ciência, embora não se destine necessariamente a este fim.

O saber atribui autoridade e valor de verdade ao poder, servindo-o como seu elemento condutor. Ele é composto por um conjunto de regras anônimas e históricas, estabelecidas em determinado tempo e espaço, mas é tomado como um elemento natural, atemporal e inequívoco (Marques, 2012). A verdade é, portanto, indissociável do poder. Para Foucault (2022),

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros, os mecanismos e as instancias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (p. 51-52).

Portanto somos julgados, condenados, classificados, obrigados a tarefas, destinados a uma certa maneira de viver ou de morrer, em função desses discursos de verdade, que trazem consigo efeitos específicos de poder. É uma relação de “regras de poder e poder dos discursos verdadeiros” (*Id.*, 2010b, p. 22). Entre esses discursos temos os saberes da psicologia, produzindo, estabelecendo e universalizando verdades. Mas de que forma esses discursos são incorporados ao real? Ou ainda, como esses discursos adquirem o status de verdade?

Foucault (*apud* Silveira, 2001) voltou a abordar o tema da alma a partir de uma outra lógica. Ele destronou o conceito metafísico de alma através da recusa de

entendê-la como uma entidade abstrata, parte de uma natureza a-histórica do homem. Ao contrário, ele a concebe como um elemento diretamente produzido junto ao exercício de saber-poder sobre o corpo. Portanto, a questão não é pensar em uma alma dissociada do corpo, mas criada diretamente sobre o corpo, em função dos interesses políticos sobre ele concentrados.

Alma é o que comumente se denomina de psique, subjetividade, personalidade, inconsciente, consciência etc. Ela não é uma substância, mas uma “realidade-referência” sobre a qual conceitos são socialmente construídos. Silveira e Furlan (2003) explicam que, para Foucault, a alma é uma produção sócio-histórica, desenvolvida por meio de discursos e de saberes que só adquirem significado quando materializados em um corpo. Enquanto realidade histórico-discursiva, ela é adesiva aos corpos e comportamentos.

Desta maneira, podemos definir alma como o resultado de um dispositivo externo; não se pode falar em uma essência ou natureza humana, mas em uma subjetividade construída a partir da docilização do corpo em função de agenciamentos de poder. Como reiteram Silveira e Furlan (2003), as relações de sentido que nos constituem estão à superfície e não numa interioridade de difícil acesso, ou seja, somos constituídos por práticas sociais.

Em suma, a noção de verdade, tal como a concebemos, não passa de uma produção externa das relações de poder. Nosso corpo, disciplinado em função de interesses políticos e sociais, é, ao mesmo tempo, receptáculo e agente dessas relações. Treinado, moldado, posicionado no tempo e espaço, produz uma alma, estabelece a nossa subjetividade. Ao contrário do que prega a psicologia, com suas teorias do inconsciente e da personalidade, a tese foucaultiana defende que somos uma produção das relações de poder. Nossa sexualidade é uma dessas verdades criadas a qual somos sujeitados.

De acordo com Foucault (2023), no século XXVIII a “população” surgiu como um problema econômico e político, inaugurando a era do biopoder. Os governos se deram conta de que teriam que lidar com fenômenos como natalidade, morbidade, expectativa de vida, fecundidade, estado de saúde, incidência das doenças, formas de alimentação e moradia. No cerne dessa questão encontrava-se o sexo, já que era necessário analisar as taxas de natalidade, casamento, nascimentos, a precocidade

e frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecundas ou estéreis, o efeito do celibato e a incidência das práticas contraceptivas. Dessa maneira,

a conduta sexual da população é tomada, ao mesmo tempo, como objeto de análise e alvo de intervenção [...] Através da economia política da população forma-se toda uma teia de observações sobre o sexo. Surge a análise das condutas sexuais, de suas determinações e efeitos, nos limites entre o biológico e o econômico (Foucault, 2023, p. 29).

Com base nas análises foucaultianas, Castro (2023) conta que a partir do século XVII houve uma ampla proliferação de discursos em torno do sexo: na pastoral cristã católica e reformulada, sobretudo pela prática da confissão, na literatura escandalosa dos finais do século XVIII, como a do Marquês de Sade, nas regulamentações policiais e administrativas, nas instituições pedagógicas e na medicina.

Até o século XVIII, e ainda muito tempo depois, em vastas camadas populares da sociedade urbana ou rural, a sexualidade parecia localizada e concentrada no campo da procriação, nas atividades dos órgãos genitais. A poesia, a grande arte, como que faziam pontes em direção ao amor, ao desejo; o genésico e o sentimental mal mesclavam aí suas correntes, que de outra forma estariam separadas. A canção, a gravura, a literatura picante, pelo contrário, iam um pouco além do núcleo genital. [...] A partir do século XVIII, a barreira entre os dois mundos se tornou porosa: o sexual se infiltrou no não-sexual (Ariès, 1985, p. 84).

Obviamente, essa proliferação de discursos em torno do sexo só foi possível a partir de uma estrita e minuciosa série de limitações acerca de como, com quem e em que circunstâncias falar. Paradoxalmente, essas restrições funcionaram, ao mesmo tempo, como mecanismos de incitação e produção discursiva. Como consequência, as sociedades modernas tiraram o sexo do âmbito privado e o tornaram um assunto a ser constantemente debatido e analisado publicamente

Em uma sociedade onde a organização estava centrada na aliança legítima, um “sistema de matrimônio, de fixação e desenvolvimento dos parentescos, de transmissão dos nomes e dos bens” (Foucault, 2023, p.115), a monogamia heterossexual ganhou status de regra. Como consequência, todos os outros tipos de sexualidade passaram a ser questionados e considerados antinaturais. A partir do século XIX,

Foucault mostra como os campos da psicologia e da psiquiatria categorizaram toda uma gama de comportamento humanos como sexualmente desviantes, produzindo assim uma multitude de novos modos de subjetividade que permitem (se não demandam) uma intervenção social na população destinada a distinguir o comportamento “normal” do “anormal”,

encorajando o primeiro e inibindo (ou mesmo erradicando) o último (Taylor, D., 2018, p. 17).

Esse período presenciou a medicina adentrando com mais força nos aparatos da sexualidade, inventando classificações e patologias. A chamada *scientia sexualis* passou a funcionar a partir do dispositivo da confissão, e as sexualidades periféricas foram taxadas de perversões. A partir daí, o homossexual passou a constituir um personagem social e acabou sendo reduzido a uma mera classificação médica. Assim, sua sexualidade passa a defini-lo, a taxá-lo; ele é reduzido a um estereótipo, a uma categoria social que o marcará para o resto de sua vida. Há uma necessidade de controle do desejo e o prazer vai se tornar

um objeto psiquiátrico ou psiquiatrizável. A desvinculação do instinto sexual relativamente à reprodução é assegurada pelos mecanismos do prazer, e é essa desvinculação que vai permitir a constituição do campo unitário das aberrações. O prazer não ordenado à sexualidade normal é o suporte de toda a série das condutas instintivas anormais, aberrantes, suscetíveis de psiquiatrização (Foucault, 2010a, p. 251).

Assim como sexo passou a ser um tema de discurso, a sexualidade se tornou um dispositivo de poder. Ela deixou de ser um assunto científico para tornar-se um princípio de controle. Os dispositivos da sexualidade, além de serem do tipo disciplinar, ou seja, atuam para formar e transformar o indivíduo pelo controle do tempo, do espaço, da atividade e pela utilização de instrumentos como a vigilância e o exame, também se realizam por uma biopolítica da população, pela regulação das populações, por um biopoder que age sobre o corpo com o objetivo de assegurar sua existência (Machado, 2022). Dessa maneira, Foucault (*apud* Katz, J., 1996)

fala sobre a produção da sexualidade como uma construção histórica. Salienta que a sexualidade do nosso tempo, tornada científica, é muito diferente da afrodisia dos gregos antigos (e, portanto, do desejo carnal dos antigos puritanos da América e dos gostos eróticos do Iluminismo). Foucault argumenta que a sexualidade é um fenômeno e um conceito moderno, constituído por uma prática institucionalizada e uma ideologia historicamente específicas (p. 174).

O sexo é , portanto, produto do funcionamento das formas modernas de poder. Ele é uma técnica de poder disciplinar pois, ao mesmo tempo que faz uso do corpo do indivíduo e ensina a ele qual é a forma correta de se fazer este uso, também visa o controle do crescimento e da saúde populacional, portanto está também na esfera do biopoder (Foucault, 2010b). O regime heterossexual ocupa papel central dentro desse sistema de verdade, o qual a psicologia está intrinsecamente envolvida em produzir.

4. DISCUSSÃO

Uma nova onda ultraconservadora vem aumentando ao redor do mundo. Países considerados vanguardistas nas conquistas de direitos civis, como os Estados Unidos e a Alemanha, enfrentam a ascensão de partidos de extrema direita contrários às pautas que interessam às minorias, como os direitos das mulheres e das pessoas LGBTQIAPN+, e até mesmo os dos trabalhadores e trabalhadoras das classes sociais mais baixas.

Essa retomada de valores conservadores atinge os homossexuais não apenas na forma de preconceito, mas também através da criação de leis. Até mesmo a sociedade estado-unidense, pioneira na conquista de direitos civis, vem sofrendo um revés, com a criação de leis que proíbem a educação sexual nas escolas e a censura de livros que abordem temas relacionados à homossexualidade e gênero (Butler, 2024).

A psicologia, sendo uma disciplina que visa o bem-estar e a saúde mental da população, precisa se impor na luta por equivalência e combate à homofobia. Mas será que ela tem cumprido este papel? Apesar de o Conselho Federal de Psicologia – CFP ter publicado normas de atuação para os profissionais em relação à questão da orientação sexual, reforçando que a homossexualidade não é nenhum tipo de patologia ou distúrbio, diversos psicólogos agem na contramão dessa resolução e ainda insistem na adoção de teorias preconceituosas e em terapias de conversão.

Nossa pesquisa surgiu da preocupação de investigar e analisar de que maneira a psicologia e seus principais teóricos lidaram com a questão homossexual ao longo dos anos. Como ponto de partida, iniciamos nossos estudos a partir da consolidação da psicologia como ciência independente, no século XIX. Consultamos uma vasta bibliografia e de diversas abordagens da psicologia, mas notamos que a principal abordagem a tratar do assunto foi a psicanálise, iniciada com Freud.

A partir do material consultado, ratificamos nossa hipótese de que o tema foi abordado com grande preconceito por grande parte desses autores, que tomaram a heterossexualidade como natural e o modelo correto a ser seguido. A população LGBTQIAPN+ foi colocada no âmbito da anormalidade e da patologia, e essa ideia

ainda persiste fortemente na sociedade, trazendo angústia, exclusão social e violência, não apenas moral, mas também física.

Ao se tornar uma disciplina independente da filosofia, a psicologia moderna adquiriu um papel importante entre as ciências, e grande parte das ideias que desenvolveu passaram a fazer parte do imaginário popular. Nesse contexto, diversos trabalhos discutiram a sexualidade e suas diferentes formas. Mas as ideias desenvolvidas, por adotarem um determinado conceito do que é normal, certo e errado, contribuíram de forma negativa para a homossexualidade. O juízo de perversão, que sustentou a teoria freudiana, seguiu a linha da psiquiatria da época, considerando perversa qualquer forma de sexualidade que não seja heterossexual-genital reprodutiva (Reitter, 2021). Por essa definição, um simples beijo é perversão. Portanto,

Considera-se meta sexual normal a união dos genitais no ato denominado copulação, que leva à resolução da tensão sexual e temporário arrefecimento do instinto sexual (satisfação análoga à saciação da fome). Mas no ato sexual mais normal já se notam os rudimentos que, desenvolvidos, levarão aos desvios que são denominados perversões. [...] As perversões são a) extensões anatômicas das áreas do corpo determinadas para a união sexual; ou b) permanecimentos nas relações intermediárias com o objeto sexual, que normalmente seriam percorridas com rapidez, no rumo da meta sexual final (Freud, 2016, p. 40-41).

A grande maioria dos psicanalistas incluíram os homossexuais no rol dos perversos. Barbero (*apud* Couto e Lage, 2018) concluiu que a ideia de algum tipo de desvio ainda prevalece na obra dos principais autores, antigos ou contemporâneos, ou seja, a perversão ainda está atrelada às questões homossexuais mesmo nos tempos atuais. Isso indica que os valores propagados nos séculos XIX e XX, época da criação e desenvolvimento das teorias psicanalíticas, continuam sendo adotados sem qualquer tipo de crítica ou questionamento por diversos profissionais.

Concluimos que Freud nunca encarou a homossexualidade como doença, não obstante, a associação de homossexualidade com perversão foi largamente empregada pelos pós-freudianos e, posteriormente, na teoria lacaniana. Inclusive o criador da psicanálise sempre admitiu a incompletude de suas teorias e manteve em aberto o caráter de suas ideias. Para Freud (2011),

Nós nunca acreditamos, porém, que essa análise da [...] homossexualidade fosse completa. Hoje posso indicar um novo mecanismo que leva à escolha homossexual de objeto, embora não consiga dizer até onde vai seu papel na configuração da homossexualidade extrema, manifesta e exclusiva (p. 199).

Roudinesco e Plon (1998) contaram que, historicamente, psicanalistas importantes como Karl Abraham e Ernest Jones adotaram uma postura preconceituosa, distanciando-se, assim, da posição de Freud. Abraham defendia a ideia de que homossexuais não poderiam ser psicanalistas, visto que a análise não os curava da inversão; Jones considerava a homossexualidade um crime repugnante. Anna Freud apoiava essas posições e, contrariando as ideias de seu pai, era adepta da terapia de conversão.

Dentre os autores selecionados em nosso estudo, Adler foi um teórico que enfatizou o aspecto social da psicologia, mas mostrou ter uma visão bastante restrita sobre a homossexualidade ao equivocadamente atribuir aos homossexuais a própria causa de seu sofrimento, desconsiderando por completo a intolerância e violência social das quais são vítimas. Por sua vez, Jung, ao invés de tentar entender a vida de um homossexual, aproximar-se de suas questões e dos problemas que o constituem, priorizou a verdade falseada por sua teoria. Ele criou um modelo universal que generalizou a homossexualidade, especulando sobre suas causas e efeitos, estabelecendo um saber presunçoso e apartado da realidade concreta de um homossexual.

Reich e Klein mantiveram a suposição de que os problemas enfrentados pela população LGBTQIAPN+ são internos, causados pelos próprios indivíduos, e não pelo preconceito ao qual estão expostos. A obra de Fromm impôs um modelo já ultrapassado de uma moral homofóbica. Seja por influência de seu tempo, de Freud ou mesmo de Marx²¹, de quem era admirador. Para um filósofo que pretendeu ser uma autoridade sobre o amor, tanto em nível social como individual, ele deixou a desejar na tarefa proposta em ambos os casos: no primeiro, por sua atitude preconceituosa com os homossexuais; no segundo, por mostrar desconhecimento e ignorância quanto à homoafetividade. Lacan, por sua vez, afirmou que a homossexualidade é passível de cura.

Partindo do pensamento dos principais expoentes da psicologia moderna, a presente pesquisa reuniu dados importantes relacionados ao tema, evidenciando que

²¹ Os homossexuais não foram tematizados em nenhum escrito oficial de Marx e Engels. No entanto, existe uma correspondência entre eles datada de 22 de junho de 1869 na qual o assunto é abordado de forma extremamente preconceituosa. Entre outras coisas, Engels descreve a homossexualidade como uma "obscuridade" antinatural e critica o crescente número de homossexuais na sociedade.

os autores analisados jamais estiveram ao lado da população LGBTQIAPN+, chegando a contribuir de forma negativa na luta por seus direitos e equivalência. A valorização do paradigma heterossexual e de conceitos que pregam uma polarização restrita e limitada dos papéis masculino e feminino, fez com que a psicologia se apresentasse como mais uma ramificação das relações de poder que visam coagir, disciplinar e controlar os indivíduos.

Apesar de o Conselho Federal de Psicologia – CFP estipular que a psicologia deve amparar a população LGBTQIAPN+ e utilizar seus saberes para o estabelecimento de uma sociedade mais justa e livre de preconceitos, confirmamos a hipótese apresentada inicialmente de que o uso e o estudo acrítico das teorias pesquisadas continuam fomentando atitudes discriminatórias e excludentes em relação aos homossexuais. Não se trata de abolir os textos em questão, mas tentar contextualizá-los, mostrar as ideias e conceitos vigentes na época em que foram escritos. Isso é perceptível tanto nos diversos artigos consultados como até mesmo em sala de aula, onde professores ainda insistem em teorizar sobre a homossexualidade como um desvio.

Dessa maneira, é fundamental que a psicologia faça autorreflexões e autocríticas constantes sobre a atual realidade, a fim de constituir-se em um instrumento de amparo na luta da população LGBTQIAPN+ por direitos civis e pelo fim da homofobia. A psicologia deve utilizar seus saberes para construir uma sociedade mais justa e livre de sofrimentos causados por qualquer tipo de preconceito e discriminação.

Assim, todos os objetivos propostos para esta pesquisa foram alcançados, tendo em vista que, de maneira geral, objetivamos analisar diferentes autores e matrizes de pensamento da psicologia a respeito da homossexualidade. Foi possível perceber o quanto pregou-se por um ideal de normalidade e promoveu-se uma adequação a esse padrão. Dessa maneira, acabou criando conceitos discriminatórios e até mesmo homofóbicos, reproduzidos pelo senso comum, contribuindo para o fomento do preconceito contra os homossexuais.

Por outro lado, também objetivamos contrastar essas ideias preconceituosas com autores e pensadores contemporâneos que estudam as políticas de sexualidade e gênero, e questionam as ideologias e valores tomados como universais e imutáveis,

através de uma visão crítica da psicologia e da própria sociedade. Procuramos dar voz e entender o ponto de vista daqueles que foram silenciados por séculos e cujas opiniões foram ignoradas por serem considerados doentes e pervertidos.

Fez-se, assim, uma revisão crítica da psicologia, desde a sua constituição como disciplina independente, contextualizando seus preceitos de acordo com os valores morais e sociais da época. Nesse aspecto, foi de suma importância fundamentar a análise por meio do pensamento de Foucault e seu conceito de poder. Suas ideias forneceram as ferramentas para compreender melhor o papel da psicologia na sociedade.

Todo esse processo foi possível através da metodologia adotada e do uso da revisão sistemática de literatura para coletar e analisar os dados levantados, permitindo o desenvolvimento do problema central da pesquisa. Conseguimos, dessa forma, ampliar o material de estudo por meio da revisão e análise das fontes primárias dessa literatura, obtendo mais recursos e informações.

Ao atuar como um dispositivo regulador de comportamentos e estabelecer critérios para considerar o que é normal ou anormal, a psicologia abriu mão de estudar e entender com profundidade as questões relevantes para a população LGBTQIAPN+. Ao invés de contribuir para uma sociedade mais equitativa, ajudou a manter privilégios e reforçar a exclusão de grupos. Enquanto os autores e psicólogos criavam as mais diversas teorias sobre a causa e efeitos da homossexualidade, os homossexuais foram silenciados e excluídos deste debate.

Pensar criticamente a psicologia e seus preceitos para, assim, problematizá-la, como fez Foucault em seus estudos, é essencial para que essa Ciência possa evoluir, se modificar e interceder pela singularidade e pelas diferenças na sociedade, lutando por equivalência e justiça social. Desse modo, é imprescindível que os profissionais dessa área desenvolvam uma consciência social e que sejam capazes de entender os aspectos políticos atrelados aos saberes. O modo como a homossexualidade foi abordada pela psicologia ainda rende frutos negativos para a população LGBTQIAPN+ e as ideias preconceituosas que ajudou a produzir continuam fazendo parte do imaginário social homofóbico. Para além da questão homossexual, a psicologia segue patologizando comportamentos e decidindo o que é considerado normal ou anormal. Ela permanece produzindo subjetividades e moldando nossos

modos de viver e pensar. Como expressou Foucault, a questão da psicologia é a questão deste presente que somos nós mesmos. É por isso que ela é inteiramente política e imanente à história. E, ao mesmo tempo, a história é indispensável à política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de uma revisão bibliográfica de autores clássicos a respeito da homossexualidade, a presente pesquisa teve como foco analisar como a psicologia moderna lidou com as questões da população LGBTQIAPN+. Procuramos compreender como esse tema foi abordado e o quanto influenciou negativamente o senso comum ao longo do tempo por meio de conceitos homofóbicos contidos em algumas das teorias desenvolvidas.

Os homossexuais foram patologizados e tratados como anormais pelos autores estudados, que tomaram a heterossexualidade como o único modelo saudável a ser adotado. Essas ideias são propagadas até hoje, inclusive dentro das universidades. Dessa forma, a comunidade LGBTQIAPN+ foi, e ainda é, alvo de teorias preconceituosas e até mesmo terapias de conversão que se baseiam em um falso conceito de saúde e normalidade.

A psicologia é uma ciência em constante transformação e largamente influenciada pelas ideias vigentes de cada época. Justamente por isso, precisa ser constantemente avaliada e criticada, para que ajude a transformar a sociedade e as relações humanas de maneira positiva, e não seguir privilegiando uma minoria que impõe suas ideias como se fossem verdades incontestáveis. Assim, é fundamental que possamos olhar para suas teorias e práticas sempre com questionamentos e provocações.

Vivemos em uma sociedade que vem discutindo com mais abertura as questões das minorias e propondo estratégias de inclusão e combate ao preconceito. No entanto, essas mesmas minorias têm sido novamente responsabilizadas pelas mazelas sociais, principalmente com a propagação das ideias da extrema-direita, que insiste em impor um padrão moral excludente. Exemplo disso são os retrocessos na cidadania de pessoas LGBTQIAPN+ em diversas partes do mundo, como Estados Unidos e Itália.

O papel da psicologia vai muito além de estudar, acolher ou assistir a população LGBTQIAPN+. Ela deve reconhecer esse grupo como um agente ativo na produção de saberes e não um simples objeto de estudo. Suas experiências e

vivências devem ser incorporadas como parte constitutiva da teoria e da prática psicológica, desafiando as estruturas tradicionais que historicamente silenciaram essas vozes. O que está em questão é reconhecer e valorizar o lugar dessas pessoas na sociedade, trazer outras vozes e experiências para enriquecer as teorias e práticas psicológicas. Essa é a única forma de tornar a psicologia uma ciência plural, crítica e condizente com a complexidade da sociedade em que atua.

REFERÊNCIAS

ABIB, J. A. D. Epistemologia pluralizada e história da psicologia. **Scientiæ Studia: Revista latino-americana de filosofia e história da ciência**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 195-208, abr.-jun. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ss/a/MD9ghFbpK9vvrMDCrYNgMgK/?lang=pt>>. Acesso em: 09 jul. 2024.

ADLER, A. **The Collected Clinical Works of Alfred Adler, Volume 4 – Journal Articles: 1914-1920**. Bellingham: Alfred Adler Institute of Northwestern Washington, 2003.

ARIÈS, P. Reflexões sobre a história da homossexualidade. In: ARIÈS, P.; BÉJIN, A. (Orgs.). **Sexualidades ocidentais**. Tradução de Lygia Araújo Watanabe e Thereza Cristina Ferreira Stummer. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

AYOUCH, T. C. **Psicanálise e homossexualidades: teoria, clínica, biopolítica**. 1ª ed. Curitiba: CRV, 2015.

BÍBLIA. **Bíblia TEB**. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

BORRILLO, D. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BRULON, B. Normatizar para normalizar: uma análise queer dos regimes de normalidade na historiografia contemporânea da homossexualidade. In: NETO, M. R. S.; GOMES, A. R. (Org.). **História e teoria queer**. 1ª ed. Salvador: Editora Devires, 2018.

BULAMAH, L. C. **História de uma regra não escrita: a proscrição da homossexualidade masculina no movimento psicanalítico**. 2ª ed. São Paulo: Zagodoni, 2020.

BUTLER, J. **Quem tem medo do gênero?** Tradução de Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2024.

CARVALHO, A. S. O pecado de Sodoma. **Pesquisas em Teologia**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 128-146, jul. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.puc-rio.br/index.php/pesquisasemteologia/article/view/1671>>. Acesso em: 21 jul. 2024.

CASTRO, E. **Introdução à Foucault**. Tradução de Beatriz de Almeida Magalhaes. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (1999). **Resolução nº 001/1999**. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf. Acesso em: 19 abr. 2024.

COSSI, R. K. Luce Irigaray e a Psicanálise: uma crítica feminista. **Gerais**: Revista Interinstitucional de Psicologia, v. 12, n. 2, p. 319-337, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36298/gerais2019120209>. Acesso em: 16 maio 2024.

CRUXÊN, O. Lacan e a Homossexualidade Masculina. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 3, n. 2, p. 76-81, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/124>. Acesso em: 01 jul. 2024.

DADOUN, R. **Cem Flores para Wilhelm Reich**. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

ELLIS, H. **Inversão sexual**. Tradução de João Máximo e Luís Chainho. Lisboa: Index Ebooks, 2013.

FINDL, P.; HELCZMANOVSKY, H. **1974 World Population Year: The Population of Austria**. Viena, Austrian Academy of Sciences Institute of Demography, 1977.

FOUCAULT, M. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

_____. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1976). Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.

_____. **Microfísica do poder**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

_____. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A Guilhon Albuquerque. 15ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2023.

FREUD, S. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, vol. XI**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Esboço de psicanálise. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, vol. XXIII**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. Introdução ao narcisismo. In: **Obras completas volume 12**. Tradução de Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

_____. Novas conferências introdutórias à psicanálise. In: **Obras completas volume 18**. Tradução de Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

_____. Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade. In: **Obras completas volume 15**. Tradução de Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci. In: **Obras completas volume 9**. Tradução de Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. **Obras completas volume 6**. Tradução de Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. Carta sobre homossexualidade. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. In: IANNINI, G. (Org.). **Caro Dr. Freud: respostas do século XXI a uma carta sobre homossexualidade**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

FROMM, E. **O dogma de cristo e outros ensaios sobre religião, psicologia e cultura**. Tradução de Waltensir Dutra. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.

FROMM, E. **A descoberta do inconsciente social: contribuição ao redirecionamento da psicanálise**. Tradução de Lucia Helena Siqueira Barbosa. 2ª ed. São Paulo: Manole, 1992.

FROMM, E. **A arte de amar**. Tradução de Eduardo Brandão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2015.

HALPERIN, D. M. **Saint = Foucault**: towards a gay hagiography. Nova York: Oxford University Press, 1995.

HOCQUENGHEM, G. **Homosexual desire**. Tradução de Daniella Dangoor. Durham: Duke University Press, 1993.

HOFFMAN, M. O poder disciplinar. In: TAYLOR, D. (Ed.). **Michel Foucault**: conceitos fundamentais. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2018.

HOPCKE, R. H. **Jung, junguianos e a homossexualidade**. Tradução de Cássia Rocha. São Paulo: Siciliano, 1989.

JUNG, C. G. **Obras completas vol. 4**: Freud e a psicanálise. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **Obras completas vol. 9/1**: Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Tradução de Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2016.

_____. **Letters, Vol. 2**: 1951-1961. Princeton: Princeton University Press, 2020.

KATZ, C. S. Derrida e a Feminilidade. **Formação freudiana**, Rio de Janeiro, 19 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.freudiana.com.br/artigos/derrida-e-a-feminilidade.html>>. Acesso em: 23 jul. 2024.

KATZ, J. N. **A invenção da heterossexualidade**. Tradução de Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

KLEIN, M. **Psicanálise da criança**. Tradução de Pola Civelli. 3ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

LACAN, J. **O seminário, livro 5**: as formações do inconsciente, 1957-1958. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **O seminário, livro 8**: a transferência, 1960-1961. Tradução de Dulce Duque Estrada. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LUNA, S. V. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. São Paulo: Educ, 1997.

MACHADO, R. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

MARQUES, S. M. K. Relação poder-saber e formas de resistência em documentos educacionais governamentais sobre ensino de língua estrangeira. **Alfa**: Revista de Linguística, São José do Rio Preto, v. 56, n. 1, p. 271-292, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/alfa/a/rHQjcZgGYFkYpDQZP5hxPYD/?lang=pt>>. Acesso em: 18 jul. 2024.

MAYA, A. O que os analistas pensam sobre a homossexualidade? **Psychê**: Revista de psicanálise, São Paulo, v. 11, n. 21, p. 85-104, dez. 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psyche/v11n21/v11n21a06.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2024.

MEDEIROS, N. M.; CARVALHO, D. F. Inovações freudianas no campo de estudos sobre a sexualidade perversa. **Trivium**: Estudos Interdisciplinares, Rio de Janeiro, v. 10, n.1, p. 74-82, 2018. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/trivium/v10n1/v10n1a08.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2024.

OLIVEIRA, G. F. Editorial. **Revista Latino-americana de Psicologia Corporal**, Ceará, ano 1, n. 2, p. 6-7, out. 2014. Disponível em: <<https://psicorporal.emnuvens.com.br/rlapc/article/view/16/41>>. Acesso em: 24 jun. 2024.

ONU. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>>. Acesso em: 21 abr. 2024.

PENA, B. F.; MOREIRA, J. O.; GUERRA, A. M. C. O supereu em Freud e Lacan: da moralidade à amoralidade, uma gula estrutural. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 37-56, mar. 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n1p37.4>>. Acesso em: 26 jun. 2024.

PONCIANO, J. V. Freud e a misoginia: possíveis leituras a partir de uma epistemologia feminista. **Eleuthería**: Revista do Curso de Filosofia UFMS. Campo Grande, v. 7, n. 13, p. 165-177, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.55028/eleu.v7i13.15683>>. Acesso em: 10 maio 2024.

PRECIADO, P. B. **Eu sou o monstro que vos fala**: relatório para uma academia de psicanalistas. Tradução de Carla Rodrigues. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022a.

_____. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022b.

Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses (PRISMA). **PRISMA 2020**, 2024. Disponível em: <<https://www.prisma-statement.org/>>. Acesso em: 17 ago. 2024.

REICH, W. **O combate sexual da juventude**. Tradução de A. Fontes. Lisboa: Edições Antídoto, 1978.

_____. **Análise do caráter**. Tradução de Ricardo Amaral do Rego. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

REITTER, J. N. **Édipo gay**: heteronormatividade e psicanálise. Tradução de Marta D. Claudino. 1ª ed. São Paulo: Zagodoni, 2021.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RUBIN, G. **Políticas do sexo**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero patriarcado violência**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAMPAIO, R. S. **Do universal ao particular: uma discussão sobre o masculino na psicanálise**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **História da psicologia moderna**. Tradução de Priscilla Rodrigues Lopes. 4ª ed. São Paulo: Cengage, 2021.

SCOTT, J. **Gender and the politics of history**. New York: Columbia University Press, 1988.

SILVA, M. B. **Georges Canguilhem e a crítica à psicologia**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Filosofia (Fafil), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Goiânia, 2021.

SILVA, L. C. Entre a disciplina e o biopoder: as novas tecnologias de poder na produção e articulação das subjetividades contemporâneas. **Revista Eletrônica do CEJUR**, Paraná, v. 1, n. 1, ago./dez. 2006. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cejur/article/viewFile/14834/9957>>. Acesso em: 17 jul. 2024.

SILVEIRA, F. A. **Michel Foucault e a constituição do corpo e da alma do sujeito moderno**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2001.

SILVEIRA, F. A.; FURLAN, R. Corpo e Alma em Foucault: postulados para uma metodologia da Psicologia. **Psicologia USP**, São Paulo. v. 14, n. 3, p. 171-194, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-65642003000300012>>. Acesso em: 15 abr. 2024.

TAYLOR, C. Biopoder. In: TAYLOR, D. (Ed.). **Michel Foucault: conceitos fundamentais**. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2018.

TAYLOR, D. Introdução: poder, liberdade e subjetividade. In: TAYLOR, D. (Ed.). **Michel Foucault: conceitos fundamentais**. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2018.

VEZZOSI, J. I. P.; RAMOS; M. M., ALMEIDA SEGUNDO, D. S.; COSTA, A. B. Crenças e atitudes corretivas de profissionais de psicologia sobre a homossexualidade. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 39, n. esp. 3, p. 174-193, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003228539>>. Acesso em: 10 mar. 2024.

VIDAL, G. Prefácio. In: KATZ, J. N. **A invenção da heterossexualidade**. Tradução de Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

VIEIRA, L. L. F. As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, vol. IX, n. 2, p. 487-525, jun. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 jun. 2024.

VIEIRA, W. **Enciclopédia da conscienciologia**. 10ª ed. aum. e rev. Foz do Iguaçu: Editares, 2023.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: Louro, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução de Thomaz Tadeu da Silva. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

ANEXOS

TERMO DE AUTORIA DO TRABALHO ACADÊMICO DE PESQUISA

O presente termo é documento integrante da Pesquisa de Conclusão de Curso, a ser submetida à avaliação da Instituição de Ensino como requisito necessário e obrigatório à obtenção do grau de Formação de Psicólogo.

Nós, Cibele de Oliveira Santos, CPF: 296.034.328-06, Registro de Identidade: 24.991.794-4, Marcia Janschitz Dos Santos, CPF: 186.247.558-08, Registro de Identidade: 23.482.450-5, Paolla Souza Da Silva, CPF: 394.450.868-80, Registro de Identidade: 37.877.838-9, Raquel De Crixí Tamura, CPF: 254.846.028-23, Registro de Identidade: 26.251.737-1 e Tiago Grandeza, CPF: 275.439.998-47, Registro de Identidade: 29.787.444-5 na qualidade de estudantes de Graduação do Curso de Psicologia da Instituição de Ensino Universidade Paulista - UNIP, declaramos que o Trabalho Acadêmico de Pesquisa “A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA PARA A CONSTRUÇÃO DO PERFIL HOMOFÓBICO”, requisito necessário à obtenção do grau de Formação de Psicólogo, encontra-se plenamente em conformidade com os critérios técnicos, acadêmicos e científicos de originalidade.

Nesse sentido, declaramos, para os devidos fins, que:

a) A referida pesquisa foi elaborada com minhas próprias palavras, ideias, opiniões e juízos de valor, não consistindo, portanto, PLÁGIO, por não reproduzir, como se meus fossem, pensamentos, ideias e palavras de outra pessoa;

b) as citações diretas de trabalhos de outras pessoas, publicados ou não, apresentadas em minha pesquisa, estão sempre claramente identificadas entre aspas ou em destaque, com a completa referência bibliográfica de sua fonte, de acordo com as diretrizes estabelecidas pela normatização;

c) todas as séries de pequenas citações de diversas fontes diferentes foram identificadas como tais, bem como às longas citações de uma única fonte foram incorporadas suas respectivas referências bibliográficas, pois fui devidamente informado(a) e orientado(a) a respeito do fato de que, caso contrário, as mesmas constituem plágio;

d) todos os resumos e/ou sumários de ideias e julgamentos de outras pessoas estão acompanhados da indicação de suas fontes em seu texto e as mesmas constam das referências bibliográficas do TCC, pois fomos devidamente informados(as) e orientados(as) a respeito do fato de que a inobservância destas regras poderia acarretar alegação de fraude;

e) é vedado o emprego de Inteligência Artificial (AI) na produção da pesquisa

A Professora responsável pela orientação do nosso trabalho de pesquisa apresentou-nos a atual declaração, requerendo o nosso compromisso de não praticarmos quaisquer atos que pudessem ser entendidos como plágio na elaboração da minha pesquisa, razão pela qual declaramos ter lido e entendido todo o seu conteúdo e que o trabalho desenvolvido é fruto do nosso exclusivo trabalho.

São Paulo, 02 de setembro de 2025

Cibele de Oliveira Santos – G217EB2

Marcia Janschitz Dos Santos – T057GC8

Paolla Souza Da Silva – N699566

Raquel De Crixí Tamura – T057GD6

Tiago Grandeza – G314GE7

Ciente, _____

Profa. Ma. Edna A. Mercado
Orientadora

Ciente, _____

Assinatura da Coordenadora de Curso

Relatório do Software Anti-plágio CopySpider

Para mais detalhes sobre o CopySpider, acesse: <https://copyspider.com.br>

Instruções

Este relatório apresenta na próxima página uma tabela com o resumo da análise do CopySpider. Cada linha associa o conteúdo do arquivo de entrada com um documento encontrado na internet (para "Busca em arquivos da internet") ou do arquivo de entrada com outros arquivos em seu computador (para "Pesquisa em arquivos locais").

A quantidade de termos comuns representa um fator utilizado no cálculo de similaridade dos arquivos. Quanto maior a quantidade de termos comuns, combinada com o agrupamento desses termos, maior a similaridade entre os arquivos.

No início de cada comparação entre arquivos, encontram-se um resumo numérico dos resultados:

- Arquivo 1: <nome do arquivo> (<Ni> termos)
- Arquivo 2: <nome do arquivo> (<Nc> termos)
- Termos comuns: <N>
- Similaridade:
 - * Índice antigo (S): <x> %
 - * Índice novo (Si): <y> %
 - * Agrupamento (Sg): <Alto|Moderado|Baixo>

No texto do documento, os termos em comum são marcados em cores diferentes:

- **Amarelo**: quando são considerados no cálculo do Novo Índice de Semelhança (Si) e;
- **Vermelho**: quando estão agrupados e fazem parte do Índice de Agrupamento (Sg).

Os termos marcados em amarelo são comuns entre os documentos, mas, por não estarem agrupados, tendem a não caracterizar cópia. Os termos marcados em vermelho também são comuns e têm maior chance de serem interpretados como cópia.

É importante destacar que a classificação da semelhança como Alta, Moderada e Baixa não representa um "índice de plágio". Por exemplo, documentos que citam de forma direta (transcrição) outros documentos, podem ter uma similaridade Alta e ainda assim não podem ser caracterizados como plágio. Há sempre a necessidade do avaliador fazer uma análise para decidir se as semelhanças encontradas caracterizam ou não o problema de plágio ou mesmo de erro de formatação ou adequação às normas de referências bibliográficas.

Veja também:

[Analisando o resultado do CopySpider](#)

[Qual o percentual aceitável para ser considerado plágio?](#)

[Como interpretar os índices de semelhança?](#)



Versão do CopySpider: 3.5

Relatório gerado por: tgrandeza@gmail.com

Análise no modo: Web/Normal (disponibilidade de 98.33%) em 15:22 s

Idioma da busca: Português

Arquivos	Termos comuns	Semelhança	Agrupamento
TCC - entrega em 10 de junho v4 (1) - final do semestre.docx X www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudo_sfilosoficos/art9-rev4.pdf	340	Baixa	Alto
TCC - entrega em 10 de junho v4 (1) - final do semestre.docx X 1library.org/article/verdade-michel-foucault-regimes-verdade-efeitos-processos-subjetiva%C3%A7%C3%A3o.yrwde7vz	268	Baixa	Alto
TCC - entrega em 10 de junho v4 (1) - final do semestre.docx X sinpesp.com.br/homossexualidade-em-freud-conservadorismo-ou-vanguarda	171	Baixa	Alto
TCC - entrega em 10 de junho v4 (1) - final do semestre.docx X freudiana.com.br/artigos/derrida-e-a-feminilidade.html	158	Baixa	Alto
TCC - entrega em 10 de junho v4 (1) - final do semestre.docx X tede2.pucsp.br/bitstream/handle/18835/2/Anderson_Schirmer.pdf	1223	Baixa	Moderado
TCC - entrega em 10 de junho v4 (1) - final do semestre.docx X www.passeidireto.com/arquivo/120150952/tese-cassio-rocha-finalizada-e-depositada-outubro-2021	982	Baixa	Moderado
TCC - entrega em 10 de junho v4 (1) - final do semestre.docx X ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/ppgpsi/Dissertacao_Petra_Bastone_-_definitiva.pdf	874	Baixa	Moderado
TCC - entrega em 10 de junho v4 (1) - final do semestre.docx X www.passeidireto.com/arquivo/98338623/6-homofobia-historia-critica-e-preconceito	803	Baixa	Moderado
TCC - entrega em 10 de junho v4 (1) - final do semestre.docx X pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=	482	Baixa	Moderado



S1518-61482009000200006

TCC - entrega em 10 de junho v4 (1) - final do semestre.docx

423

Baixa

Moderado

X pepsic.bvsalud.org/pdf/epos/v4n1/07.pdf
